



CADINHO ANDRADE/ZU

Na corrida pela ética

Ciência e a responsabilidade com os seres humanos

Relevância do tema, definição do objeto, objetivos, hipóteses, metodologia e amostras não são as únicas preocupações de um pesquisador. Os projetos desenvolvidos com humanos exigem comprometimento ético com os seus voluntários. Investigando os efeitos de um anti-inflamatório no corpo de atletas profissionais, a pesquisa de Eduardo Ramos, doutorando da Esef, é um exemplo de proposta que necessita de avaliação por Comitês de Ética.

Página Central

VESTIBULAR 2010
UFRGS adere ao Enem e lança novos cursos de graduação

Página 3

PESQUISA
Mudança na legislação dos licenciamentos ambientais em debate

Página 4

CIÊNCIA
Universidade terá Centro de Investigação em Educação Básica

Página 5

SERVIÇO COMUNITÁRIO
Farmácia-Escola comemora dois anos qualificando o atendimento

Página 7

CULTURA

A força da influência francesa na língua, na literatura e nas artes



FOTOS FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

“Eu diria que um brasileiro na França em pouco tempo passa a ser francês, e um francês no Brasil em pouco tempo passa a ser brasileiro.” A frase do cônsul honorário da França em Porto Alegre, Roner Guerra Fabris, resume bem a nossa relação com o país que este ano festejamos. O legado francês salta aos olhos, com reflexos em nossa língua e literatura. Segundo a professora Rosa Maria de Oliveira Graça, do Instituto de Letras da UFRGS, além de tomarmos “emprestadas” algumas palavras, adaptamos alguns termos à nossa ortografia. E, se falarmos em artes, também não restam dúvidas. A exposição “Arte na França 1860-1960: o Realismo”, no Margs até o dia 30 deste mês, é uma chance para compreender a importância da terra da Marselhesa para o Brasil e para o mundo.

P13

COMPORTAMENTO

Maturidade precoce ameaça infância



Meninas trocam bonecas por maquiagens, meninos abandonam os carrinhos. A inserção das crianças no mundo adulto tem influência da mídia, por meio da programação e das publicidades voltadas ao público infantil. Especialistas apontam que o problema coloca em questão o conceito de infância e que a sociedade vive um perigoso processo de pedofiliação.

P12

POLÍTICA

O Irã em mais de um minuto

Vestígios de fraude eleitoral provocam protestos nas ruas de Teerã, enquanto líderes ocidentais pedem respeito à democracia. Sob o véu das notícias imediatas, a história recente iraniana mostra que o regime sempre foi muito pouco democrático; que o candidato “reformista”, Mousavi, já esteve à frente de um governo sanguinário; que as manifestações populares não atacam a teocracia; e que, no Irã, os “líderes do mundo livre” já fomentaram uma ditadura e derrubaram os princípios de uma democracia.

P10

PALEONTOLOGIA

Legislação federal insuficiente deixa patrimônio fóssil nacional desprotegido

Considerados bens culturais da União, os fósseis encontrados em território brasileiro passam agora por disputa judicial. Uma lei estadual de Minas Gerais, criada em 1994, exige que pesquisadores da USP devolvam à região fósseis de crocodilos encontrados em Campina Verde. Tal decisão gera polêmica entre os especialistas, que questionam a capacidade local de preservação dos itens. Como a legislação nacional é imprecisa, os estados brasileiros tentam preservar seus patrimônios com leis regionais. É o caso também do Rio Grande do Sul, que possui regras semelhantes para proteger os materiais encontrados no estado.

P11



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

O reinício das atividades de ensino

Em agosto, a Universidade inicia o segundo semestre letivo. Na graduação presencial, além dos estudantes de cursos já em andamento, ocorre a entrada dos 1.482 calouros da segunda turma dos cursos com ingresso semestral. Também serão inaugurados os cursos noturnos de Psicologia e de Química Industrial, duas das importantes ampliações de vagas proporcionadas pelo Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), bem como a primeira edição da Mobilidade Acadêmica Nacional em Convênio com o Santander, por meio da qual a UFRGS irá receber 10 estudantes de instituições de ensino superior de cinco estados.

Na modalidade a distância, haverá o início dos cursos de formação continuada de professores em Física, Matemática, Gestão Escolar e Informática (1.630 docentes distribuídos em 22 polos), bem como a segunda turma do curso de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural (530 estudantes em 14 polos), interiorizando o alcance da Universidade.

Mas a volta às atividades letivas precisou ser adiada por duas semanas devido, ao alastramento da gripe A (Portaria n.º 3.995, de 29 de julho de 2009). Essa difícil decisão foi tomada em concordância com a sugestão

Na pós-graduação *lato sensu*, a novidade está relacionada aos novos cursos de especialização

do Comitê de Acompanhamento, Prevenção e Pesquisa da Influenza da Faculdade de Medicina e do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e visa reduzir o risco à exposição ao vírus. Com isso, buscamos preservar a saúde dos mais de 40 mil integrantes da comunidade universitária e contribuir com os esforços das autoridades

governamentais no controle dessa pandemia e de suas consequências.

Em relação à pós-graduação *lato sensu*, a novidade está relacionada aos novos cursos de especialização. Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu medida liminar suspendendo decisão do Tribunal Regional Federal da 4.ª Região (TRF-4), que havia proibido a UFRGS de oferecer cursos de especialização com cobrança de taxas dos estudantes, por meio de uma ação movida pelo Ministério Público. A decisão implicou, em termos práticos, a suspensão de mais de 60 cursos – de um total de 180 – já aprovados nas instâncias da Universidade.

Assim, com a retomada das atividades na graduação presencial, dos cursos na modalidade a distância e com a oferta dos novos cursos de especialização, a UFRGS reinicia as atividades letivas de 2009 numa perspectiva de continuada expansão, cumprindo sua missão acadêmica de democratizar o acesso ao conhecimento.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Daltro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chela
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluísio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Demétrio Pereira, Diego Mandarino, Jaqueline Crestani, Leila Ghiorzi e Luciane Costa
Colaboraram nesta edição
Angela Virtuoso, Isadora Müller e Marcelo Ferreira (Coletivo PhotoCo)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Sem Comparação

Gostaria de expor minha opinião sobre comentário em um texto sobre jornalismo do diretor e da coordenadora da Fabico, que saiu no último Jornal da Universidade. Não sei quem foi mais infeliz, a “elite jurídica” ou o diretor e a coordenadora da Fabico, sobre essa questão do diploma de jornalismo. O jurídico diz que jornalismo é literatura, poesia. Os coordenadores do curso dizem que não formam poetas nem artistas, que é preciso o refinamento de técnicas. Se o curso de Jornalismo na UFRGS tem 57 anos, o Instituto de Artes tem 100, justamente porque, sim, é preciso um refinamento de técnicas, é preciso muito estudo e muito trabalho. Infelizes os juízes que quiseram comparar o Jornalismo às Artes. Infeliz a Fabico em se justificar querendo dizer que nas Artes não se precisa desse refinamento de técnicas, ou seja lá o que quiseram dizer com isso. Acho que a questão agora é o descaso que o brasileiro tem com o seu aprimoramento, tendo de ser sempre obrigado a ter um diploma para buscar o estudo. Comparações não ajudam muito, pois, como disse, são 100 anos de IA.

Cibele Reis, Estudante de Teatro da UFRGS

Bolsistas do Decordi

Na reportagem “Decordi agiliza atendimento a estudantes via Internet”, publicada na página 3 da edição de julho do Jornal da Universidade, foi dito que os bolsistas que lá trabalham são carentes economicamente e possuem o benefício da Secretaria de Assistência Estudantil (SAE). Isso é um engano, pois fui bolsista do Decordi e esse Departamento é um dos poucos que aceita bolsistas sem a condição de carência definida pela SAE. Trabalhei no Decordi com a antiga diretora e com a atual (Denise) e sei que essa regra, adotada por grande parte dos setores da Universidade, não está incluída no Departamento de Controle e Registro Discente.

Sther Souza Birriel, estudante de Ciências Sociais da UFRGS

Artigo

Matemática: um bicho de sete cabeças?

“As leis da natureza nada mais são que pensamentos matemáticos de Deus”
(Johannes Kepler 1571-1630, astrônomo e matemático alemão)

A maioria das pessoas, ao ser indagada sobre a disciplina mais difícil que tivera de estudar em sua vida escolar, responderá sem pestanejar: Matemática! E, em não poucos casos, a resposta virá acompanhada do comentário: “Detestava matemática...”

No decorrer de minha vida profissional, pude constatar que os alunos chegam ao curso inseguros e não entendem por que têm de estudar conteúdos “tão difíceis”.

Acredito que as dificuldades que os estudantes apresentam pela vida afora, em relação à Matemática, decorrem, sobretudo, de uma falta de orientação nos primórdios de sua escolarização. Também concorre para agravar o problema o

distanciamento entre a teoria e a prática cotidiana, o que tende a aumentar com o passar do tempo e a montante complexidade do conhecimento matemático a ser desenvolvido em aula.

A cada início de semestre, pergunto a meus alunos: “Quem de vocês já utilizou seu conhecimento matemático hoje?”. Resposta frequente: “Nem hoje, nem nunca, professor, nem sei para que serve”. “Mas vejam”, explico, “ao sair de casa para ir ao trabalho ou à escola, como foi que vocês decidiram se iriam a pé ou de ônibus? Provavelmente – e sem dar-se conta disso – comparando o tempo disponível com a distância a percorrer e talvez, também, colocando nesse cálculo a variável valor da passagem... E, ao pagar a passagem e receber o troco, que tipo de conhecimento vocês acionaram?” Em geral, não são necessários outros exemplos para levar à conclusão de que essas ações cotidianas dependem de raciocínio, de lógica, de cálculos matemáticos.

1986

Grupo de estudantes recebe orientação na sala de cirurgia para animais de grande porte do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade



ACERVO MUSEU DA UFRGS

de problemas de Física, Química, Biotecnologia. Juros Simples e Compostos são cálculos indispensáveis às práticas contábeis, às transações imobiliárias e a todos os profissionais de vendas.

Esses poucos exemplos parecem suficientes para evidenciar a importância do conhecimento matemático para todos nós. Se os alunos se sentem desconfortáveis diante dessa disciplina, cabe a nós, professores, vencer essa barreira, mostrando-lhes a importância, a beleza e o potencial desse conhecimento extraordinário. Mesmo porque, da Matemática nem mesmo Deus escapa, pois, conforme Kepler nos sugere na epígrafe a este texto, somos todos frutos de pensamentos matemáticos de Deus.

Celso Toledo

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Câmpus Porto Alegre

Vestibular 2010 UFRGS adota Enem e cria novos cursos



COLETIVO FOTÓGRFO/DIVULGAÇÃO

Candidatos poderão escolher entre sete novas graduações no concurso que oferecerá 405 vagas a mais do que em 2009

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade (Cepe) aprovou as normas para o Vestibular 2010 para ingresso na UFRGS. No ato da inscrição, os candidatos deverão indicar sua opção pelo uso ou não do score obtido no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no cômputo do seu Argumento de Concorrência neste vestibular. Conforme o reitor, Carlos Alexandre Netto, a medida deve servir de incentivo à participação dos estudantes no exame nacional, pois apresentará um bônus na nota final do vestibulando.

No próximo processo seletivo, a Universidade oferecerá sete novos cursos de graduação: Bacharelado em Engenharia Física (30 vagas - diurno), Bacharelado em História da Arte (30 vagas - noturno), Bacharelado em Biotecnologia (30 vagas - diurno), Bacharelado em Serviço Social (30 vagas

- noturno), Bacharelado em Políticas Públicas (50 vagas - noturno), Bacharelado em Engenharia de Energia (30 vagas - diurno) e Tecnólogo em Química Analítica - este último constitui-se num desdobramento do curso já oferecido pelo Instituto de Química e disponibilizará 70 vagas para três possibilidades de formação: Bacharel em Química, Bacharel em Química Industrial ou Tecnólogo. Ao final do primeiro ano, os alunos deverão optar por uma das três habilitações.

Outra mudança diz respeito à reestruturação e ao aumento de vagas no Curso de Física. A proposta aprovada pelo Conselho ampliou de 70 para 80 o número de vagas disponíveis, sendo que o curso foi dividido em quatro habilitações de bacharelado: Pesquisa Básica, Física Computacional, Materiais e Nanotecnologia, e Astrofísica.

Além disso, foi aprovado o aumento no número de vagas no Curso de História, que passará de atuais 85 para 110. O curso de Administração obteve uma ampliação de 80 vagas noturnas direcionadas à formação em Administração Pública e Social. Finalmente, em uma iniciativa inédita no país, a graduação em Odontologia recebeu 30 novas vagas exclusivamente noturnas.

Com isso, o Vestibular 2010 terá 405 vagas novas com a ampliação e criação de cursos. As mudanças oferecidas, inseridas na proposta do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), partiram das próprias unidades de ensino da UFRGS e apontam para um importante crescimento na área social - atendendo a demandas públicas - e para um avanço na área da tecnologia de ponta.

Unila

Professores da UFRGS apoiam criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados

No dia 20 deste mês, será instalado o Instituto Mercosul de Estudos Avançados (Imea), localizado na sede provisória da futura Universidade para a Integração Latino-americana (Unila), no Parque Tecnológico de Itaipu, em Foz do Iguaçu. O órgão foi aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná (UFPR), instituição tutora da nova universidade. Segundo o professor e ex-reitor da UFRGS Hélgio Trindade, presidente da Comissão de Implantação da Unila, esta será a única universidade que nascerá com um Instituto de Estudos Avançados em cooperação com sua instituição tutora - situação que permitirá o planejamento simultâneo da graduação, da pós-graduação e das pesquisas. Hélgio adianta que, entre agosto e dezembro, serão fundadas dez Cátedras Latino-americanas, visando à articulação e ao desenvolvimento de linhas de investigação inter e transdisciplinares com a graduação e a pós-graduação. Francisco Salzano, professor Emérito da UFRGS e pesquisador do programa de Pós-graduação em Genética, foi convidado para coordenar uma das cátedras da nova universidade.

Financiamento

Universidade é a maior contemplada do país no edital CT-Infra

A Universidade conquistou mais de 10 milhões de reais no edital da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) que ofereceu apoio a projetos institucionais de implantação, modernização e recuperação de infraestrutura física de pesquisa nas Instituições Públicas de Ensino Superior. Dentre as 119 universidades selecionadas, ela foi a que obteve o maior apoio financeiro. Foram contemplados os seguintes subprojetos: Implantação do Centro de Inovação em Software; Estudo de Propriedades Físico-Químicas de Nanomateriais a Baixas Temperaturas; Modernização Tecnológica e de Infraestrutura dos Institutos de Ciências Básicas da Saúde e de Pesquisas Hidráulicas; Recuperação e Ampliação da Infraestrutura de Pesquisa e Pós-graduação nas Áreas de Arquitetura, Artes e Educação; Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Industrial no Agronegócio Visando ao Uso Racional da Biodiversidade; Ampliação da Infraestrutura para o Desenvolvimento Científico-tecnológico na Área de Insumos para a Saúde Humana e Animal; Estrutura para Desenvolvimento de Energias Alternativas e Novas Tecnologias para Exploração e Processamento de Energia; e Manutenção de Equipamentos Multiusuários da UFRGS.

Inclusão

Bolsas de Iniciação Científica para cotistas

Está aberto o Edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) nas Ações Afirmativas 2009/2010 até o dia 20 deste mês. O Programa, que irá ampliar a oportunidade de formação técnico-científica pela concessão de bolsas de Iniciação Científica, é destinado a alunos que estiverem regularmente matriculados em cursos de graduação e que tenham ingressado por ação afirmativa no vestibular. As propostas devem ser encaminhadas à Pró-reitoria de Pesquisa por meio do preenchimento de formulário eletrônico disponível no Portal de Serviços da UFRGS na Internet. Orientações e mais informações podem ser solicitadas pelos telefones 3308-3209 e 3308-3766, na Divisão de Iniciação Científica ou pelo site da PROPEAQ.

Mudança

Novo Conselho Editorial do JU toma posse

Os novos integrantes do Conselho Editorial do Jornal da Universidade foram empossados em 30 de junho pelo vice-reitor Rui Oppermann. O grupo, coordenado pelo secretário de Comunicação da UFRGS, Flávio Porcello, deverá contribuir para ampliar a qualificação do informativo. Foram nomeados os professores Cassiano Kuchembecker Rosing (Economia), César Zen Vasconcelos (Física), Daltro Nunes (Informática), Edson Luiz Lindner (Colégio de Aplicação), Fernando Cotanda (IFCH), Maria Heloisa Lenz (Direito), Maria Henriqueta Luce Kruse (Enfermagem), Ricardo Schneiders da Silva (Comunicação) e Rudimar Baldissera (Comunicação).

Acessibilidade

Dia da Experimentação

No próximo dia 25, às 15h30min, na Praça da Matriz, será realizado o "Dia da Experimentação", no qual portadores de deficiência irão interagir com o público, convidando-o a experimentar o uso de cadeiras de rodas e bengalas, especialmente diante das dificuldades de locomoção, quando não são feitas as adaptações necessárias para permitir ou facilitar a inclusão dessas pessoas. O evento será promovido pelo Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, entidade que tem como conselheiros Adriana Thoma, professora da Faculdade de Educação, e Paulo Kroeff, professor aposentado do Instituto de Psicologia da UFRGS. A atividade integra a programação da Semana Estadual da Pessoa com Deficiência, que ocorrerá de 21 a 28 deste mês.



UFRGS TV

Multiponto

A fome no Brasil e no mundo

Ao procurar os motivos para ainda existir fome no mundo, percebe-se que esse é um problema político e social. O programa *Multiponto* da UFRGS TV irá abordar diversos aspectos do problema, como a distribuição de renda, para entender a origem, as consequências e as políticas de combate a esse que é um dos mais graves problemas da sociedade.

De acordo com José Francisco Graziano da Silva, representante da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), é mais caro conviver com a fome do que erradicá-la: "Pelos custos que ela implica em termos de perda de vidas, do comprometimento futuro das crianças e da redução de produtividade. Esses três elementos compõem o custo elevado da fome, que é incompatível com o século XXI".

Um assunto especialmente associado à questão na América Latina é o potencial agrícola de toda a região. Para a Chefe da Unidade Agrícola da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), Martine Dirven, faltam incentivos para a agricultura familiar e para a economia local, que ajudariam a erradicar a fome em longo prazo: "A compra local de alimentos, por um lado, pode dinamizar a economia local e, por outro, disponibilizar alimentos que também estão dentro dos costumes da população".

No Brasil, projetos como o Bolsa Família, considerados soluções para o fim da fome, são apontados como equivocadas políticas de assistencialismo. Para José Graziano, no entanto, ações emergenciais são inevitáveis: "Quem tem fome, tem pressa. Não pode esperar. Uma política de combate à fome tem de ter um componente emergencial para criar uma rede social de proteção aos famintos".

Há quem defenda, também, que não se pode mais falar em fome no Brasil, mas, sim, em "insegurança alimentar". De acordo com o professor do Departamento de Sociologia da UFRGS Sérgio Schneider, "à exceção de pequeníssimos grupos indígenas no Norte do Brasil e talvez de alguns pequenos lugares na Região do Semiárido nordestino, não se pode falar em fome no país. O que há é uma situação de pobreza e, dentro desse quadro, uma profunda desigualdade e a falta de segurança alimentar".

Esses e outros pontos de vista poderão ser acompanhados no *Multiponto*, programa que a UFRGS TV exibe no dia 27 de agosto, às 21h30min, pela UNITV, canal 15 da NET POA.

Jerusa Campani, *Estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabco*

Assista aos programas

Para conhecer melhor as atividades do Centro de Ecologia, assista ao programa *Conhecendo a UFRGS*, que vai ao ar no dia 21 de julho de 2009, a partir das 21h30min, na UNITV, canal 15 da NET POA.



Proteção à biodiversidade e incentivo à pesquisa

Stela M. K. Rates*

A preocupação com a proteção à biodiversidade – e a consequente regulamentação da coleta de material biológico e do acesso ao patrimônio genético brasileiro – é necessária e bem-vinda. No entanto, a legislação do tema, suas formas de implementação e os processos de concessão de licenças são objetos de polêmica. De um lado, os cientistas, algumas vezes tolhidos no desenvolvimento de suas pesquisas e lesados na sua dignidade, quando submetidos a uma regulamentação que, aos olhos da sociedade, os iguala a biopiratas. De outro, o Ministério do Meio Ambiente, no seu papel legítimo de gerenciamento das questões ambientais. Os marcos regulatórios principais são: a Instrução Normativa n.º 154, do Ibama, que dispõe sobre normas para a coleta de material biológico e sobre a realização de pesquisa em unidades de conservação federal; e a Medida Provisória 2186-16/2001, do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN), que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, a sociedade confunde a legislação de coleta de material biológico com a legislação de acesso ao patrimônio genético. Não é de se estranhar. Mesmo um leitor atento e cientificamente qualificado terá dificuldade de entender a MP 2186-16/2001. O texto não é claro. Os conceitos são pouco consistentes. Com base exclusiva nele, por exemplo, não é possível precisar quando se está ou não trabalhando com patrimônio genético. O que é um *componente do patrimônio genético*? A MP 2186-16/2001 não dá conta dessa primeira e fundamental definição. Também a distinção entre acesso ao – e remessa ao exterior de – patrimônio genético com potencial exploração econômica (caso que deve ser autorizado pelo CGEN) e a realização de pesquisa científica sem potencial de uso econômico (caso que deve ser autorizado pelo Ibama) é limitrofe. Por conta disso, o pesquisador nem sempre tem clareza de qual tipo de licença deve solicitar nem de como seu trabalho poderá ser considerado para efeito de fiscalização. Se a licença for solicitada ao Ibama, o processo tramita pelo Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (Sisbio) e deveria ser bastante ágil. A questão se complica com a possibilidade de exploração econômica, definida pela MP como bioprospecção. Aliás, outra definição que merece ser revista.

Minha experiência com solicitação de autorização para bioprospecção e remessa ao exterior foi marcada por uma grande morosidade. Além das dificuldades conceituais, o fluxo desencontrado de informações e o mau funcionamento do



Mecanismos ágeis, que garantam interlocução entre o MCT e o Ministério do Meio Ambiente, devem ser intensamente discutidos para o bem da ciência e da biodiversidade

sistema informatizado do CGEN, na época, tornaram o processo lento e desgastante. Some-se a isso o fato de algumas exigências protocolares não serem condizentes com a

formatação administrativa da Universidade e com a necessária fluidez de um projeto de pesquisa.

Por força de manifestações organizadas dos cientistas, atualmente está em estudo a substituição da MP 2186-16/2001 por um novo marco legal. Por ora, temos a Orientação Técnica CGEN n.º 06, segundo a qual todas as pesquisas que utilizam a biodiversidade para fins de testes e perspectiva de aplicação industrial, e que antes eram classificadas como bioprospecção e/ou desenvolvimento tecnológico, seguindo regras mais rígidas, passaram a ser classificadas como pesquisa científica.

Também existe o indicativo de que as autorizações de acesso e coleta passem a ser aprovadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o que me parece bastante adequado. Os processos seriam analisados sob a ótica da construção do conhecimento científico e julgados, quanto à sua relevância técnico-científica e à qualificação dos pesquisadores,

dentro de rígidos critérios reconhecidos pela comunidade científica nacional e internacional. Essa análise, inclusive, poderia ser simultânea à análise para a concessão de recursos financeiros, evitando-se duplicação de esforços. No entanto, penso que a participação do Ministério do Meio Ambiente na avaliação do impacto ambiental de um projeto de pesquisa ou do desenvolvimento de um produto a partir da biodiversidade brasileira é de suma importância. Mecanismos ágeis, que garantam essa *conversa* entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério do Meio Ambiente, devem ser intensamente discutidos para o bem da ciência e da biodiversidade nacional.

* Professora-associada da Faculdade de Farmácia – UFRGS, professora orientadora no Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, no Programa de Pós-graduação em Neurociências e Pesquisadora 2 CNPq

A questão do licenciamento de atividades das universidades

Darci Barnech Campani*

Temos assistido pela imprensa em geral muitas reclamações quanto à tramitação de licenças na área ambiental. A própria UFRGS muito tem aprendido sobre essa questão, ao encaminhar o devido licenciamento para todas as suas atividades pela Coordenadoria de Gestão Ambiental. Nesse período, junto com a Superintendência de Infraestrutura, a Coordenadoria responsabilizou-se por inúmeras solicitações de remoções ou podas de vegetação, pelo licenciamento ambiental de atividades em geral, bem como pelo licenciamento de atividades especiais, como as de coleta e manipulação de fauna e flora, sendo esta última realizada junto ao Ibama.

Na realidade, não podemos dizer que tais solicitações sejam demoradas ou rápidas, pois o prazo varia muito e é relativo às informações necessárias para a obtenção das licenças e à qualidade com que elas são prestadas. Especificamente para podas, conseguimos, junto à Secretaria Municipal

do Meio Ambiente (SMAM), as licenças em períodos bastante curtos, especialmente quando a poda se faz necessária por questões de segurança.

Quanto à Licença Especial do Ibama para a importação de fauna que fomos solicitados a obter, não fosse pelos relatórios em atraso da Instituição junto àquele órgão e pela necessidade de o nosso setor aprender sobre a dinâmica de obtenção de tal licença, o período entre a solicitação final e seu licenciamento seria razoavelmente curto. O que a UFRGS devia para seus professores era exatamente um setor que tivesse informações sobre esses procedimentos e sobre como obtê-los dentro de prazos razoáveis.

O que não podemos é continuar sem um sistema de gerenciamento de tais pedidos, pois às vezes pesquisas são realizadas dentro da Universidade sem todos os registros necessários junto aos órgãos licenciadores. Estes devem se estruturar em um sistema unificado, o que nos leva à análise da

proposta de Projeto de Lei que repassa para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) tal licenciamento. Devido à teia de órgãos responsáveis por licenciamentos, não creio que essa seja a melhor alternativa. O desejável seria articulá-los, e não criar mais um órgão.

Lembro ainda que o Conselho não tem estrutura interna com experiência em licenciamento, além de não podermos deixar progredir a visão de que o procedimento passaria a ser meramente homologatório, ou seja, de simples registro, sem análise, pois o CNPq, se vier a assumir mais essa tarefa, deverá também prestar contas sobre as consequências de tais registros a órgãos como Tribunal de Contas e Ministério Público.

Em minha área de formação, tenho muitas notícias, dadas inclusive nas salas de aula da Universidade, sobre espécies exóticas introduzidas no Brasil e que depois se tornaram grandes problemas. Se os devidos registros tivessem sido realizados,

possivelmente o seu impacto seria reduzido.

O que temos certamente de realizar é uma troca de cultura quanto à questão específica de solicitações de licenças. Nós, pesquisadores, precisamos de estruturas dentro das próprias instituições que possam apoiar a obtenção dessas licenças e devemos, cada vez mais, acostumarmo-nos com elas. Se uma empresa, pública ou privada, que deseja realizar uma pesquisa para o desenvolvimento de seu produto precisa de tais licenças, porque nós, de instituições de pesquisas, não o precisaríamos. Além do que, não somos isentos de falhas, e a prestação de contas a órgãos externos à estrutura de pesquisa faz parte das garantias que a sociedade em geral precisa quanto aos trabalhos desenvolvidos por qualquer setor.

* Coordenador de Gestão Ambiental da UFRGS, professor do Departamento de Engenharia Mecânica



Ciência para crianças e jovens

Iniciação Científica

Professores antecipam informações sobre o futuro Centro de Investigação em Educação Básica da UFRGS

Jacira Cabral da Silveira

Qual dessas perguntas seria mais apropriada na Academia: “Por que as leis de Newton falharam no mundo subatômico?” ou “Por que os dinossauros ficavam tão gordos?”.

A Universidade de Tübingen, na Alemanha, apostou na segunda, quando recebeu pela primeira vez crianças entre sete e doze anos no verão de 2002. Elas foram convidadas a participar da Nova Aula, projeto que visava aproximar esses alunos do saber científico desenvolvido na universidade. A cada novo encontro, foi preciso um auditório maior para que mais crianças pudessem fazer suas perguntas. “Os professores preocupavam-se mais do que de costume em como apresentar da melhor maneira o seu conhecimento, como serem mais claros sem perder de vista a pergunta que tinha dado origem a tudo. Isso exigiu um esforço bem diferente daquele de falar para estudantes da área ou profissionais especializados, o que, às vezes, levava os professores a outros problemas.”

O relato acima, que introduz o livro *A Universidade das Crianças – cientistas explicam os enigmas do mundo*, de Ulrich Jansben e Ulba Steuernagel, publicado pela Editora Planeta, ilustra um pouco a proposta do Centro de Investigação em Educação Básica da UFRGS (CIEB), que é qualificar a educação de crianças e jovens, introduzindo a iniciação científica antes do ingresso na universidade. “Para isso, é necessário o aporte de estudos que mostrem como gerar modelos de trabalho com crianças e jovens em todas as áreas do conhecimento em que a vertente da iniciação científica seja possível”, explica Mônica Baptista Pereira Estrázulas, coautora do projeto com o professor Ítalo Modesto Dutra, seu colega no Laboratório de Estudos em Educação a Distância do Colégio de Aplicação.

“Uma criança que estiver cercada de oportunidades para conhecer novas formas de pensar sobre tudo o que acontece nessa fase da vida com certeza terá mais subsídios para fazer escolhas.” Segundo a professora, a criança tem de ser capaz de formular uma questão que traduza algo que deseja conhecer. Por outro lado, ela também precisa saber como realizar os procedimentos com o rigor necessário para que chegue a um resultado pertinente àquilo que pretende investigar. “Quem faz esse exercício aprende a pensar, a buscar soluções”, completa.

Formada em Física, Mônica foi buscar na Psicologia do Desenvolvimento aporte teórico para entender como é que a mente funciona quando constrói conhecimento e como o sujeito se relaciona com os demais indivíduos durante essa construção. De acordo com ela, o professor sonha com o *status* de também criar conhecimento com seus alunos – um conhecimento possível, mas com o rigor necessário e adequado a crianças e jovens. Para ela, o professor capaz de orientar um projeto de investigação a partir de uma pergunta original da criança é muito mais solicitado na sua capacidade de educar e não se limita a repetir o que está nos livros didáticos.

Prédio exclusivo – O projeto do Centro de Investigação em Educação Básica concorreu ao edital do Fundo de Infraestrutura (CT-Infra) 2007, tendo sido enviado por professores do Colégio de Aplicação com a participação de pesquisadores da Faculdade de Educação (Faced) e do Instituto de Psicologia. A proposta conquistou, junto à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), um investimento de R\$ 694,7 mil, que servirá para a construção de um prédio próprio, próximo ao Colégio de Aplicação, em que os futuros pesquisadores do Centro desenvolverão suas investigações. Mônica diz que agora resta a aprovação do reitor para que o CIEB possa começar efetivamente.



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTRATO

Em contato com novas formas de pensar, crianças têm mais subsídios para fazer escolhas

Quem tem sob sua responsabilidade os estágios de docência sente falta da interação direta com os alunos da Escola Básica

Samuel Edmundo Lopez Bello

Para tal, será encaminhado ao gabinete do reitor, ainda neste mês, o projeto de criação do Centro.

No começo, serão duas vertentes principais de trabalho: projetos de investigação e formação de professores. De acordo com Mônica, já existe a ideia de um primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* em Iniciação Científica de Crianças e Jovens, cujo objetivo será formar professores especialistas em orientar projetos de crianças e jovens em pesquisa: “Vamos investigar sobre o desenvolvimento teórico e metodológico para dar suporte a esse fazer pedagógico novo”. Poderão candidatar-se tanto recém-egressos da universidade como aqueles que já estejam atuando nas redes de ensino privada e pública.

O Centro oportunizará ainda que professores de diferentes áreas do conhecimento trabalhem em conjunto em torno de questões específicas, detectadas como problemas em sala de aula. “No caso das licenciaturas, o afluxo de professores-pesquisadores é muito bem-vindo e necessário, porque o Colégio de

Aplicação funcionará como campo de observação, estágio e testagem das investigações que serão processadas.” Também serão bem-vindos todos aqueles que possam contribuir com suas pesquisas na qualificação do ensino básico por meio do desenvolvimento de conhecimento em sua área, como é o caso dos cursos de Psicologia, Fonoaudiologia e Nutrição.

Na opinião de Mônica, “os egressos desse curso serão multiplicadores dessa abordagem contemporânea na qual o aprendizado se dá quando a lógica do processo de investigação é alcançada pela criança, tornando-a capaz de aplicar esse conhecimento a qualquer conteúdo, seja de vida ou escolar”. Mesmo os cursos de licenciatura e de outras unidades terão a oportunidade de repensar sua prática pedagógica e investigativa junto aos seus alunos de graduação. Conforme a professora, à medida que os docentes da UFRGS que participarem das pesquisas desenvolvidas no Centro retornarem às suas unidades, “serão multiplicadores desse deslocamento de fazer pedagógico não mais conteudista, mas provocador de produção de conhecimento”.

Dessa forma, o CIEB “abre grande oportunidade para estudos sobre determinadas realidades empíricas ou sobre temáticas específicas para estudos exploratórios, programas, projetos integrados, redes de investigação nas mais diferentes áreas do conhecimento, considerando beneficiárias em potencial as crianças de educação infantil (0 a 6 anos), os jovens de ensino fundamental e os adultos de educação superior da rede escolar externa, além dos alcançados pelas diversas instâncias e serviços oferecidos pela Universidade, da creche à pós-graduação”, conclui.

Interfaces

Desde o começo, o projeto do Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB) contou com a participação de professores-pesquisadores do Colégio de Aplicação (CAp), do Instituto de Psicologia e da Faculdade de Educação (Faced). O envolvimento direto com a questão da aprendizagem foi o principal requisito agregador dessas unidades na elaboração da proposta do Centro. Entretanto, seus coordenadores, Mônica Baptista Pereira Estrázulas e Ítalo Modesto Dutra, ambos do Laboratório de Estudos em Educação a Distância do CAp, esperam a mais ampla participação de professores de diferentes áreas do conhecimento da UFRGS interessados em descobrir como desenvolver a Iniciação Científica junto a crianças e adolescentes.

Para Samuel Edmundo Lopez Bello, professor de Matemática e integrante do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, a ideia do CIEB interessou de imediato: “Nós, que lidamos com a questão de ensino e, principalmente, que temos sob nossa responsabilidade os estágios de docência, sentimos falta da interação direta com os alunos da Escola Básica”, justifica. “Trabalhamos com os professores e estagiários questões teóricas e de planejamento, mas não existe o contato direto em sala de aula.” Outro interesse de Samuel é poder desenvolver no Centro seu tema de pesquisa: questões de linguagem vinculadas diretamente com a aquisição dos significados matemáticos.

Lia Freitas, do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade, também quer experimentar outra forma de educar, na qual crianças e adolescentes sejam produtores, e não apenas reprodutores, de conhecimento. Ela acredita que isso será possível com o Centro e que sua área tem tudo a ver com a proposta. Dentro de sua linha de pesquisa – *Formação ética e desenvolvimento moral* –, ela considera que, para formar uma criança com a perspectiva de um estudante-pesquisador, será pertinente trabalhar, entre outras noções, a de verdade e conhecimento como valores: “Pesquisar para quê?, Como?”.

Na avaliação de Johannes Doll, diretor da Faced, existem duas bases teóricas que fundamentam a proposta do Centro: a visão construtivista de aprendizagem (especialmente desenvolvida no Brasil na década de 70) e a proposta da Escola Nova (movimento de renovação do ensino, especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX). Ele destaca ainda o caráter interdisciplinar do projeto, que recupera outra raiz interessante na área de didática geral. “Tradicionalmente, a didática tinha duas vertentes: a mais geral e a específica. Essa última abordando a aprendizagem e o ensino-aprendizagem para cada uma das áreas de conhecimento, ou seja, didática para o ensino de Física, didática para o ensino de História, etc.” Segundo Doll, essa abordagem mais específica, perdida ao longo dos anos, poderá ser recuperada com o Centro.

Mas ele destaca como aspecto inovador a concepção mais científica de aprendizagem, orientada pelo modelo científico da universidade – abordagem que vem ao encontro do projeto da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS para a divulgação da ciência. O professor adverte, no entanto, que a pesquisa proposta no CIEB não é aquela realizada em muitas escolas nas quais se faz “um levantamento de alguma coisa”, buscando informações em livros ou na Internet. O que se propõe, segundo Doll, é a difusão científica por meio do desenvolvimento do pensamento científico crítico, concepção que reflete os processos e métodos que levam à construção do conhecimento: “Esse é um processo mais atual e moderno e um passo na direção certa”.



Computadores mudando a educação

Tecnologia

NASA participou do encontro que reuniu pesquisadores e educadores de 41 países

Jacira Cabral da Silveira

De 27 a 31 de julho, Bento Gonçalves recebeu professores e pesquisadores de 41 países que vieram participar da 9ª Conferência Mundial em Computação na Educação (WCCE – sigla em inglês), que pela primeira vez realizou-se na América Latina. Promovido pela International Federation for Information Processing (IFIP), o encontro teve como tema central *Educação e Tecnologia para um Mundo Melhor*, e contou com a organização local das universidades federais do Rio Grande do Sul (UFRGS) e de Santa Catarina (UFSC), e o apoio da Unesco e dos Ministérios da Educação, da Ciência e Tecnologia e das Relações Exteriores.

Além dos 760 inscritos presenciais, mais de 100 mil pessoas puderam assistir às teleconferências da WCCE transmitidas pela Nasa TV. Cerca de 1.200 participantes se envolveram em atividades divididas em três grandes áreas: científica/acadêmica, cursos destinados a professores do ensino fundamental e médio das redes pública e privada, e feira de informática.

O MEC financiou a participação de docentes da rede pública de ensino de diferentes estados brasileiros em cursos e oficinas ministrados por professores da UFRGS e de outras instituições, com o objetivo de torná-los multiplicadores dos conteúdos aprendidos durante o evento.

Multiplicadoras - Eliane Soares, de Canoas, e Neuza Bortolini, de Palmeiras das Missões, são multiplicadoras do Núcleo de Tecnologia das 27ª e 20ª Coordenadorias de Educação, respectivamente. Ambas são requisitadas pelo MEC para atualizações como as disponibilizadas na WCCE. "Participamos do encontro para aprender novas tecnologias e socializá-las com os professores das escolas públicas estaduais", contou Eliane.

Como multiplicadora, ela tem observado o entusiasmo dos docentes em

aprender como e o que usar em suas aulas com o auxílio dos computadores. "Ainda que demonstrem alguma resistência, em geral mostram-se abertos às novas tecnologias e não só aproveitam os programas e materiais disponibilizados como também levam seus alunos a utilizá-los." Segundo ela, entretanto, os professores criticam a falta de um responsável pelo laboratório de informática nas escolas, o que dificulta o acesso.

As multiplicadoras avaliam que esses cursos de inclusão digital têm repercutido na autoestima dos educadores: "Eles se sentem valorizados e isso faz com que se inscrevam em concursos para apresentarem seus projetos utilizando o computador como ferramenta pedagógica", asseguram. Aos poucos, essa apropriação das possibilidades interativas da ferramenta computacional também leva muitos educadores a criarem seus próprios *blogs*, estabelecendo redes de amizade e trocando experiências sobre o que fazem em sala de aula.

Neuza não só encoraja esse tipo de resposta de suas alunas como reforça a importância da atualização permanente. E quando o assunto é informática avalia que o acompanhamento do professor tem de ser maior, pois crianças e jovens estão muito familiarizados com essa linguagem: "Digo sempre a elas que devem saber o que seus alunos estão vendo e usando na Internet ou nos computadores, para poder orientá-los".

Tecnologias educacionais - Alguma vez você sonhou que o computador poderia compreender teorias de aprendizagem? Os recentes avanços da computação transformaram esse sonho em realidade. Desde o final dos anos 90, tem-se abordado o problema sobre a autoria de sistemas de ensino-aprendizagem individuais e colaborativos. Esse foi o tema apresentado pelo professor Richihiro Mizoguchi, da Universidade de Osaka, no Japão.

Mizoguchi é uma das referências no desenvolvimento de pesquisas em inteligência artificial (IA) - ciência da computação orientada ao entendimento, construção e validação de sistemas inteligentes. Em suas investigações ele traduz para a linguagem computacional conhecimentos relacionados à educação, como as teorias de aprendizagem de Piaget e Vigotsky, procurando contribuir para o desenvolvimento de programas voltados às teorias instrucionais. "Como você consegue representar esses conhecimentos de forma que o computador consiga entender", explica.



Troy Cline, da Nasa, falou sobre o trabalho de educação desenvolvido pela Agência Espacial Norte-americana

Os professores devem saber o que os alunos estão vendo e usando na Internet, para poder orientá-los

A relevância do trabalho é fazer com que o computador auxilie o professor a ensinar, assim como a ajudar o aluno a aprender sozinho pela utilização dos diversos tipos de documentos disponíveis na Internet. Para universalizar essa modalidade de pesquisa, Mizoguchi diz que primeiro é necessário pensar nas crianças de países pobres. "A maior parte das pesquisas desenvolve o software e o entrega para o professor sem qualquer orientação. Mas, quando conseguirmos popularizar o conhecimento sobre a forma como o computador pode auxiliar o professor, será totalmente diferente."

O brasileiro Seiji Isotani, orientando de Mizoguchi, desenvolve um estudo sobre aprendizagem colaborativa,

aplicando à educação em grupo todo o trabalho desenvolvido por seu orientador. Ele estuda maneiras de fazer com que as crianças interajam de forma mais eficiente. Mizoguchi acredita que, nos próximos dez anos, essa tecnologia vai se tornar muito popular.

Criando o gosto pela ciência - A motivação é um dos principais objetivos do trabalho de educação desenvolvido pela Agência Espacial Americana (Nasa), abordado por Troy Cline, tecnólogo educacional da equipe do Fórum Educacional Conexão Terra-Sol, que apresentou palestra na abertura do encontro. Ao abordar os impactos e as tendências das pesquisas em tecnologia da Agência, Cline falou sobre como a Nasa tem desenvolvido programas para motivar crianças e jovens a se interessarem por ciência e, em especial, pelas pesquisas espaciais.

Para estudantes do exterior é oferecido um projeto de verão, que inclui visitas guiadas aos departamentos da Agência e o aprendizado sobre como são realizadas as viagens interplanetárias. No endereço www.nasa.gov/education, professores, estudantes e curiosos podem acessar os materiais e recursos interativos produzidos pela Nasa para

trabalhar pedagogicamente conhecimentos científicos relacionados ou não com as viagens espaciais.

De acordo com Cline, é difícil avaliar a repercussão desse trabalho entre os estudantes a ponto de despertar-lhes o desejo de seguir carreira em ciência e tecnologia. Ele recorda que o ápice da procura ocorreu após a chegada do homem à Lua. Com o término das missões Apollo, diminuiu o interesse por parte das escolas. Mas, com o início das viagens dos ônibus espaciais, recomeçou a procura, motivada também por iniciativas como a observação de eclipses.

A presença da Agência Espacial Americana na WCCE, além de exemplificar como a tecnologia pode ser utilizada na difusão do conhecimento, provou ainda o quanto a motivação buscada pela Nasa, e motor do ato educativo, dá resultado. Norma Reis, técnica em assuntos educacionais do Ministério da Educação, foi a responsável pelo convite à agência para participar do encontro. Fascinada pelos segredos do espaço desde os 13 anos, ela iniciou suas pesquisas em educação espacial em 2004 e teve a oportunidade de conhecer profundamente o trabalho de educação da Nasa. Agora, quer ser a primeira pedagoga-astronauta.

Dois pontos

A ACENTUAÇÃO GRÁFICA (I): as paroxítonas

Dentre as mudanças determinadas pelo Acordo Ortográfico, está a alteração no uso do acento gráfico em determinadas palavras da língua portuguesa. A grande maioria dessas alterações atinge apenas a grafia de palavras **paroxítonas** (com acento na penúltima sílaba, por ex., *assembleia* – forma corrente em Portugal). Vejamos algumas dessas modificações. Não mais se registra o acento dos ditongos abertos *êi* e *ói* nas paroxítonas. Assim, grafam-se *colmeia* em vez de *colméia*, *Coreia* em vez de *Coréia*, *apoia* em vez de *apóia*, *joia* em vez de *jóia*, etc. Importante: os ditongos abertos permanecem

com o acento gráfico em palavras **oxítonas** (com acento na última sílaba), como *anéis*, *papéis*, *anzóis* e *herói*.

Outra mudança na acentuação das paroxítonas afeta os vocábulos que terminam em *êem* e em *ôo(s)*. Com o Acordo em vigor, passam a ser grafadas as formas *creem* em vez de *crêem*, *leem* em vez de *lêem*, *enjoo* em vez de *enjôo*, *voo(s)* em vez de *vôo(s)*, etc.

Além disso, não se usa mais o acento agudo em palavras como *baiuca*, *bocaiuva*, *cauíla* ou *fejura*, isto é, palavras nas quais o *i* e o *u* (em negrito) são tônicos, e vêm depois de ditongo decrescente (parte sublinhada). Para essa regra, é ainda importante destacar que palavras como *Guaiúba* e *Guaiúra* permanecem com o acento na escrita, isso

porque o *i* tônico delas aparece após um ditongo crescente (no caso, o *ua* sublinhado).

Breve histórico do (des)acordo (II)

Em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal, foram promulgadas leis que reduziram substancialmente as divergências ortográficas entre os dois países. Apesar dessas iniciativas, persistiram divergências sérias entre os dois sistemas ortográficos. No sentido de reduzi-las, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram em 1975 um novo projeto de acordo que não foi, no entanto, aprovado oficialmente por razões de ordem política, sobretudo vigentes em Portugal.

Em maio de 1986, representantes de Portugal, do Brasil e dos cinco novos países africanos lusófonos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe – o Timor Leste, país asiático, ainda não havia se tornado território independente) se reuniram no Rio de Janeiro para tratar de uma nova proposta de acordo ortográfico. Este, porém, novamente ficou inviabilizado pela reação polêmica contra ele, movida especialmente por intelectuais portugueses.

Adaptado de: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo&version=1990b>

André Schneider, revisor de textos
andré.schneider@consun.ufrgs.br

Farmácia-Escola amplia acesso a medicamentos

Saúde

Órgão ligado ao Programa Farmácia Popular do Brasil fornece remédios de uso contínuo por baixo custo

Inaugurada em agosto de 2007, a Farmácia-Escola da UFRGS foi a primeira parceria entre uma Instituição de Ensino Superior e o Programa Farmácia Popular, lançando em 2004 pelo Governo Federal e hoje presente em todos os estados. Viabilizada por um convênio entre a Faculdade de Farmácia, através da Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faurgs), e o Ministério da Saúde, representado pela Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), a Farmácia-Escola comercializa medicamentos com um valor até 90% menor do que o cobrado pelas drogarias convencionais. Pacientes com receita médica ou odontológica em mãos recebem acompanhamento e instrução para melhor utilizar os remédios, além de orientação quanto ao descarte correto. Já os estudantes do curso de Farmácia da Universidade têm naquele espaço um lugar para aprender na prática a experiência de uma farmácia.

O convênio previu verbas para a reforma do espaço destinado à farmácia e para a aquisição de equipamentos. “A Farmácia-Escola era um objetivo antigo. Em 2004, nós já tínhamos o local, mas não havia recursos para montá-la”, confirma Tania Amador, coordenadora do projeto.

Demanda em alta - “Em 2004, quando firmamos o convênio com o Ministério da Saúde, era para termos duas farmácias populares em Porto Alegre: uma da Prefeitura Municipal e outra da UFRGS. Nós teríamos, inclusive, parceria para o estoque de medicamentos, porque nosso local é pequeno e vamos chegar a um ponto em não termos como avançar”, explica a coordenadora. A nova gestão da Prefeitura, que mudou no mesmo ano, optou por não dar continuidade à proposta de convênio.

“Quando abrimos a Farmácia, a nossa meta era atender, no máximo, três mil pessoas por mês. Hoje, atendemos em média 300 pessoas por dia”, diz Tania, apontando a procura crescente. O atendimento “rotineiro” prejudica outras atividades que poderiam ser desenvolvidas, como o maior acompanhamento de alguns enfermos. “Para aqueles pacientes que sentimos ter mais dificuldade, fazemos um calendário para organizar a administração dos medicamentos. As pessoas dão retorno e elogiam iniciativas como essa, mas poderíamos fazer mais.”

Segundo a coordenadora do projeto, o que se consegue fazer é a dispensação farmacêutica e a orientação básica na própria farmácia. “Gostaríamos de realizar o seguimento de pacientes. Hoje é feito somente de dois ou três, mas esse procedimento poderia ser ampliado. Não conseguimos ainda fazer de outros porque é demorado, temos de convidar as pessoas e identificar as que necessitam de um cuidado especial.” Apesar da dificuldade de manter contato constante com os pacientes, Tania concorda que “os alunos que fazem estágio na Farmácia Popular saem com uma prática farmacêutica muito mais intensa”. E mesmo a população que não busca assistência farmacêutica no SUS consegue garantir tratamento de baixo custo.

Medicamentos disponíveis - As farmácias populares oferecem remédios de uso contínuo para o tratamento das principais doenças que atingem a população brasileira. As cinco substâncias mais procuradas são sinvastatina (que reduz o colesterol), omeprazol (muito utilizada no tratamento de gastrite), atenolol (usado nos casos de hipertensão), ácido acetilsalicílico (presente em analgésicos e anti-inflamatórios) e metformina (antidiabético oral).

Os medicamentos fazem parte da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename), que conta com 94 substâncias. Segundo o Ministério da Saúde, os critérios para aprovação de remédios na relação são o impacto sobre o orçamento familiar, a inclusão de genéricos aprovados e a produção por laboratórios oficiais, como o Farmanquinhos, da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro.

A Fundação adquire medicamentos e produz algumas das substâncias disponibilizadas nas Farmácias Populares, fazendo o controle de



A farmacêutica Carla Salvadoretta orienta o público quanto ao uso correto dos remédios prescritos

qualidade dos remédios adquiridos. Se constatado algum problema na sua eficácia, a substância é retirada da lista de compras. O controle do estoque dos medicamentos também é de responsabilidade da Fiocruz, e poucas são as vezes em que algum tipo de remédio falta. “Vendemos os

Farmácia Popular da UFRGS

Rua Ramiro Barcelos, 2.500 - Bairro Santana
Fone: 3308-5728
Segunda a sexta-feira, das 8h às 18h
Sábado, das 8h às 12h

Site da Farmácia Popular da UFRGS
<http://www.ufrgs.br/farmacia/farmpop/>
Portal do Ministério da Saúde <http://portal.saude.gov.br/saude/>

medicamentos necessários para, no máximo, três meses, embora o esforço seja o de vender mês a mês, para não reduzir muito o estoque e permitir o acompanhamento do tratamento”, esclarece a farmacêutica responsável, Carla Salvadoretta.

Atendimento personalizado - Nas Farmácias Populares do Brasil, o atendimento é padronizado: os usuários retiram senhas, aguardam sentados e recebem a orientação necessária para fazer bom uso dos medicamentos. O atendimento é baseado nos Procedimentos Operacionais Padrão (POPs), elaborados pelo Ministério da Saúde. “Nós aprendemos observando os colegas que estão sempre dispostos a ajudar, lendo as normas dos POPs, mas também na prática”, afirma o estagiário Ariston Frasnelli.

“O atendimento é ótimo: ensinam, recomendam tudo”, comenta o aposentado Alberto Donini, que há três meses comprava apenas em farmácias privadas e, a partir da indicação de um amigo, tomou conhecimento da Farmácia Popular da UFRGS. “Agora só compro aqui os remédios que não consigo pelo SUS”, completa Alberto com a receita na mão. A estudante de enfermagem da UFRGS Gabriela Soares também aprova as vantagens da Farmácia: “Indico e utilizo”. Ela é estagiária no Posto de Saúde Santa Cecília, em Porto Alegre, e justifica que é prática comum indicar a Farmácia Popular como opção ao Sistema Único de Saúde.

“Eu gastaria em torno de R\$ 40 por um único remédio; aqui não gasto a

metade”, aprova o zelador Fernando Jesus Correa, que compra mensalmente na Farmácia Popular, uma vez que o posto de saúde lhe fornece apenas um dos medicamentos necessários para o tratamento da mãe. As drogarias da rede privada também podem participar do programa Aqui Tem Farmácia Popular, disponibilizando preferencialmente fármacos contra hipertensão e diabetes mais baratos.

Além de preços reduzidos, prevenção e conversa fazem parte da rotina de farmacêuticos, estagiários e pacientes. “Muitas vezes o doente toma o medicamento quando acha que tem necessidade ou quando está se sentindo mal. Nós temos como saber sobre o tratamento que ele vem fazendo, ressaltamos a importância do uso diário e conseguimos fazer uma orientação mais adequada”, justifica Carla Salvadoretta. Segundo a farmacêutica responsável, essa orientação torna-se possível porque a Farmácia-Escola mantém um cadastro e um controle do tratamento de cada paciente.

Samantha Klein - Estudante do 7.º semestre do curso de Jornalismo da Fabio

Aprendizado na prática

Ariston Frasnelli Rocha cumpre parte das 360 horas de estágio obrigatório na Farmácia-Escola da Universidade e conta como é sua rotina: “Aqui fazemos de tudo: enquanto alguns ficam no atendimento, outros atuam na separação e dispensação de medicamentos ou nas atividades no depósito”, revela o aluno do 9.º semestre. Ele acrescenta que os estagiários têm as informações básicas para dar aos pacientes, mas quando há algum medicamento mais complexo os estudantes consultam livros em busca de informações mais adequadas.

A coordenadora do projeto Tania Amador considera que a vivência na Farmácia Popular contribui para o relacionamento dos futuros profissionais com o público. As barreiras de comunicação são derrubadas, e os estagiários são acompanhados com reuniões semanais para avaliação do aprendizado.

“Na faculdade, não temos práticas de atendimento ao público. O curso da UFRGS é muito voltado à pesquisa e aos estágios em laboratórios. Aqui é a oportunidade de treinar, porque muitos de nós acabaram trabalhando em farmácias. Poucos vão para a pesquisa, para a carreira acadêmica”, justifica Ariston.

A Farmácia Popular da UFRGS também tem um programa de incentivo ao descarte correto de medicamentos. “A iniciativa se destina a um público que tem um excesso de remédios em casa e frequenta a Farmácia”, esclarece a farmacêutica responsável, Carla Salvadoretta. O projeto iniciou na Faculdade de Farmácia com o objetivo de recolher os medicamentos que podem ser mal utilizados ou ainda ser descartados diretamente no meio ambiente. Os medicamentos entregues são destinados a aterros sanitários específicos localizados em Gravataí.



A Farmácia-Escola, situada no Câmpus Saúde da Universidade, atende uma média diária de 300 pessoas

Especial



Em prol da Ciência

Metodologia

Pesquisas com seres humanos são obrigadas por lei à avaliação de um comitê de ética

TEXTO **CAROLINE DA SILVA**
FOTOS CADINHO ANDRADE

Os 15 melhores corredores do estado entraram em pista para colaborar com uma pesquisa da Escola de Educação Física da UFRGS que investiga os efeitos positivos e negativos de uma droga difundida no atletismo mundial. O ibuprofeno, considerado não esteroide, é um anti-inflamatório que não se encontra na lista de substâncias proibidas pelo Comitê Olímpico Internacional. Esse medicamento tem

sido utilizado em grandes doses como analgésico durante provas de resistência. Alguns atletas ingerem 16 g em 10 horas de prova, em competições como o Ironman, enquanto a dose recomendada clinicamente é de 1,2 g em um período de 24 horas.

O Ironman é uma prova de triatlo realizada nos diversos continentes há mais de 30 anos, com a participação de 15 mil atletas. São 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42 km de corrida, o que exige realmente “homens de ferro”. Como resistir a essas provas? O professor Luiz Fernando Martins Kruehl, membro do comitê de Ética da Universidade pela Câmara de Pesquisa do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe), diz que a situação é preocupante: cerca de 85% dos atletas, nas grandes competições, faz uso de analgésicos e não se sabe dos riscos disso.

Pesquisa - A tese de doutorado de Eduardo Ramos da Silva, orientando de Kruehl, investiga os efeitos agudos do remédio no organismo e preocupa-se com os malefícios da alta dosagem. Na

banca de qualificação do doutorado em Ciências do Movimento Humano, realizada na Esef, esteve presente Eduardo Henrique De Rose, integrante do Conselho da Agência Mundial Antidoping (Wada). O convite para que o médico também participe da avaliação final do trabalho, que deve ser defendido em 4 de dezembro, já foi feito.

Estudos preliminares do professor Eduardo, apresentados em 2007 e 2008 no congresso anual do Colégio Europeu de Ciências do Esporte, revelam a possibilidade de que retirar a dor durante o exercício traz consequências ergogênicas (efeitos benéficos na performance) em modalidades aeróbias, como a natação e o triatlo. Por outro lado, existem estudos que demonstram os malefícios do uso excessivo desse fármaco, já que ele não é controlado.

Artigos científicos apresentados após os Jogos Olímpicos de Sidney indicaram que 40% dos atletas estavam utilizando analgésicos de diversos tipos e doses. No Sul-americano de 2004, foram encontradas altas doses. No Pan-americano de 2007, “houve altíssima

incidência do uso de anti-inflamatórios e analgésicos. Isso indica que os esportistas estão sentindo ou esperam sentir muita dor”, analisa o pesquisador.

Ética - O projeto de pesquisa “Efeito do Aine Ibuprofeno sobre o desempenho, o nível sanguíneo de marcadores de dano muscular e de função renal em corredores experientes durante prova simulada de 10 km” foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS e também pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Especialmente quanto aos possíveis danos ao sistema renal, o estudo demandou a infraestrutura do Serviço de Medicina Nuclear do HCPA. Eduardo Ramos recebeu o apoio do professor do Departamento de Medicina Interna da UFRGS e chefe da unidade de métodos não invasivos do Serviço de Cardiologia do Clínicas para ingressar com o projeto no Hospital.

Ilza Vasques de Moraes, chefe da Medicina Nuclear, explica por que o projeto da Educação Física implicou o serviço que utiliza substâncias radioati-

vas. Para a avaliação renal ser possível, por via endovenosa, uma solução de cromo (radioisótopo) entra na corrente sanguínea e atinge o rim. “O quanto tu injetas na pessoa e o quanto vai ficar no sangue, durante determinado tempo, vai nos dizer como está funcionando aquele órgão. A análise é *in vitro*. Várias amostras de sangue são coletadas para que possamos medir a quantidade de cromo que permaneceu no organismo. O que fica é o que não foi excretado pelo rim. A partir disso, se diz o quanto aquele rim está filtrando.” O pesquisador e a médica esclareceram, também, que, independentemente do uso de qualquer medicamento, o exercício físico por si só já impacta o sistema urinário.

Todos os atletas de fundo participantes do projeto assinaram o termo de consentimento livre esclarecido que preserva sua identidade. Para o estudo, eles são um número e não um nome. Os “rustiqueiros” (como se chamam entre si) que aparecem nas fotografias e que têm falas reproduzidas nessa reportagem autorizaram o uso de sua imagem pelo Jornal da Universidade.



Comitês de Ética também têm uma série de obstáculos a vencer

Um sábado na Sogipa

“Uma operação de guerra”: foi como o professor de Educação Física da Universidade de Caxias do Sul e das faculdades São Judas Tadeu, de Porto Alegre, e Cenequista, de Osório, definiu as experiências realizadas nos sábados 4 e 11 de julho (a segunda foi acompanhada pela equipe do JU). O exército de colaboradores de Eduardo Ramos era formado por doutorandos e mestrands voluntários do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, graduandos da Esf e colegas de trabalho. A possibilidade de usar a pista da Sociedade de Ginástica Porto Alegre (Sogipa) para simular a prova de rústica (10 mil metros), por exemplo, ocorreu graças a Leonardo Ribas, treinador de quatro dos corredores participantes do projeto.

No primeiro dos sábados, alguns jovens graduandos em Educação Física vieram de Caxias do Sul para ser escoltas dos atletas. O escolta acompanha o corredor em todos os momentos, desde a coleta de urina até a última coleta de sangue. Ele anota todos os seus dados, como o peso, os resultados de lactato pré e pós-prova (amostra de sangue da ponta do dedo para a verificação de

glicose) e os tempos e as percepções subjetivas de esforço a cada volta.

A simulação foi dividida em dois dias para que um dos grupos tomasse o Aine Ibuprofeno em um dos sábados e, no outro, o placebo, a fim de comparar os resultados. Todas as variáveis possíveis foram contempladas: temperatura no momento da prova, intensidade e direção do vento, umidade do ar, o que os atletas ingeriram. “Cuidamos até da temperatura do Gatorade. Por isso o termo exército”, justifica o pesquisador.

Roteiro - O primeiro passo foi a medição de gordura corporal. No próprio Serviço de Medicina Nuclear do HCPA, houve a coleta de sangue imediatamente seguida da infusão do cromo a 10 ml. Jocelito Martins, agora mestre em Ciências do Movimento Humano, colocou os adesivos nas costas dos corredores, a fim de avaliar qualitativa e quantitativamente o suor dos atletas. Depois desses procedimentos, às oito horas da manhã, os esportistas receberam um envelope com o comprimido, sem saber se era o anti-inflamatório ou o placebo. “Etapa hospital” vencida!

Durante a viagem de van até a Sogipa, Eduardo Ramos aproveitou para lembrar aos corredores as fases da experiência e dar as últimas orientações. Chegando ao clube, cada atleta foi colocado em contato com o seu escolta, que já lhe encaminhou ao banheiro para a coleta da urina. Depois, ocorreu a pesagem e a medição do lactato pré-prova. Na sequência, os atletas foram liberados para o aquecimento.

A cada volta da prova, o tempo era colocado na prancheta que cada escolta tinha, e o rustiqueiro gritava um número de 6 a 20 (relação disponível em uma tabela localizadas metros antes da chegada) para o seu “guarda-costas”, a fim de avaliar o esforço gradativo à medida que a distância era percorrida.

Imediatamente após o término dos 10 km, o escolta tinha de fazer três coletas de lactato sanguíneo: em 1, 3 e 5 minutos após a corrida. A seguir, partia-se para a primeira coleta sanguínea de bancada nas tendas montadas no campo gramado do clube. O atleta, então, podia ir ao vestiário, a fim de nova coleta de urina, pesagem e retirada do adesivo. Depois do banho,

o atleta rumava para a barraca do lanche, onde seria feito o relatório nutricional com Fernanda Pezzi, coordenadora do curso de Nutrição da Faculdade Fátima, de Caxias do Sul. Nesse momento, eles podiam se hidratar (Gatorades) e alimentar à vontade (frutas e barrinhas). Como faltavam ainda duas coletas de sangue para fazer (de hora em hora), os corredores aproveitaram para tirar várias dúvidas com a nutricionista, antes do derradeiro encontro com a agulha, por volta do meio-dia.

Enfrentar a seringa, correr sabendo que a esposa entrou em trabalho de parto, com a filha pequena chorando na arquibancada ou então sofrendo com o desconforto de uma fascite plantar. Esses foram alguns dos desafios que os rustiqueiros driblaram para participar do estudo. Como Ronaldo dos Santos Maia, que correu com dores no pé, todos estavam ansiosos para saber os resultados dos exames que fizeram. O estudante de Educação Física da PUCRS sabe que tem de curar o pé para melhorar sua performance: “Pretendo usar as avaliações como ferramenta de trabalho”, complementa Ronaldo.

Comitê da UFRGS em busca do 100% de submetimento

A obrigatoriedade de análise do projeto de pesquisa por um comitê de ética atende a um requisito legal: a Resolução n.º 196 de 1996 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) do Ministério da Saúde. “Ela exigiu que todos os locais em que houvesse pesquisa com seres humanos deveriam ter o seu Comitê de Ética e que esses projetos deveriam ser avaliados”, explica a atual coordenadora do órgão na Universidade, instituído em 12 de março de 1997. Ilma Simoni Brum da Silva, professora do Departamento de Fisiologia do Instituto de Ciências Básicas da Saúde, relata que, desde a criação, o objetivo é avaliar os projetos no seu aspecto ético e metodológico: “Algumas vezes não podemos dissociar ética de metodologia”.

Os membros do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS são nomeados pelo vice-reitor anualmente, e o órgão é vinculado à Pró-reitoria Acadêmica. Cada conselheiro analisa o projeto como “tema de casa” e leva seu parecer às reuniões ordinárias quinzenais em que a decisão é tomada por consenso. Há um requisito para o submetimento dos projetos de pesquisa ao Comitê da Universidade: as Comissões de Pesquisa das unidades ou as comissões de pós-graduação devem realizar uma avaliação prévia e emitir um parecer. “A Esf é uma das unidades que submete muitos projetos”, complementa a professora, justificando a presença de três pesquisadores da Educação Física entre os 24 integrantes.



Além de comandar a “operação de guerra”, o pesquisador e professor de Educação Física Eduardo Ramos ainda incentivava os corredores

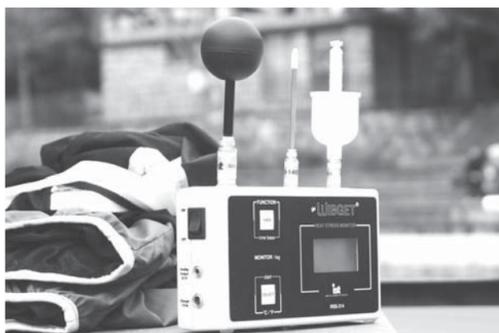
Hospital de Clínicas tem agilidade como marca

Com 20 anos de atuação, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) tem uma agilidade bem maior do que muitos comitês no Brasil inteiro e também maior qualidade na avaliação: “Isso se deve à estrutura que se montou aqui no Hospital, com profissionais de saúde dedicados a atividades de apoio ao comitê. Existem muitos órgãos que ficam dependendo da boa vontade dos membros e do coordenador, enquanto aqui temos três funcionários do Hospital quase exclusivamente

dedicados a essa atividade de comitê”, explica o professor José Roberto Goldim, que está envolvido com essa área há anos, fazendo parte também dos colegiados da UFRGS (pelo HCPA) e da PUCRS.

Na visão dele, não há 100% de taxa de submissão em lugar algum do mundo, devido à ideia de que comitês de ética são somente para a área da Saúde. A regulação brasileira abrange a pesquisa em seres humanos e envolve as áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas.

Formado por 25 a 26 pareceristas, o Comitê do Hospital avalia em média 60 projetos por reunião, que dura somente duas horas e meia. “Acho que o fato de ter dois pareceristas por projeto aumenta o trabalho do comitê, mas melhora muito sua qualidade. São duas pessoas que leram detalhadamente a proposta e têm condições de esclarecer o plenário sobre isso, o que agiliza o andamento da pauta. Tu já não te baseias na visão de uma pessoa só, tens essa dupla visão”, conclui Goldim.





Irã

Indícios de fraude eleitoral e repressão causam revolta internacional, mas a realidade do país pede um debate mais amplo

No dia 12 de junho, quase 40 milhões de iranianos foram às urnas escolher o novo presidente do país – uma participação recorde de 85% do eleitorado. O resultado dos pleitos anteriores havia demorado pelo menos um dia para ser divulgado, devido à contagem manual das cédulas de papel. À noite, portanto, não incomodava o sono da multidão de votantes a possibilidade de acordar com notícias de um novo presidente eleito. Foi o que aconteceu: “A votação terminou às 20 horas e às 6 da manhã já estava no hotel o jornal com o resultado”. Quem conta é H., iraniano de 23 anos que chegou com seus pais ao Brasil em 1988, fugindo da opressão religiosa no Irã, a mesma que faz com que ele não queira ter seu nome publicado.

Com 63% dos votos, o presidente Mahmoud Ahmadinejad reeleger-se, obtendo quase o dobro de eleitores do segundo colocado, o reformista Mir Hossein Mousavi. Acusações de fraude levaram o povo às ruas de Teerã, enquanto países como os Estados Unidos pediram respeito à democracia. Contudo, um olhar menos apressado sobre a realidade iraniana mostra que uma fraude eleitoral seria apenas mais um obstáculo entre o Irã e a democracia patrocinada pelo Ocidente.

No clima dos protestos - H. estava visitando sua terra natal durante a semana das manifestações. A partir do segundo dia, ele já sabia em que bairro de Teerã os atos ocorreriam. Isso não o impediu de ser surpreendido por uma multidão de manifestantes quando chegava de táxi à rua do hotel em que estava hospedado. Pedras voaram sobre o veículo, tendo como alvo policiais que fechavam o lado oposto da via. H. acredita que os números oficiais atenuam a violência a que ele assistiu nas ruas da capital iraniana: “20 mortos? Posso te dizer que foram mais”.

O governo dificultou a comunicação: “O Orkut já estava proibido. Durante os protestos, proibiram o Gmail e o MSN”, conta H. A velocidade da conexão, que já era baixa, foi cortada pela metade, para impossibilitar o envio de vídeos. Ainda assim, a morte de Neda Agha-Soltani pôde ser vista pelo mundo inteiro, tornando a estudante um mártir-símbolo da repressão do regime.

As emissoras de televisão, todas estatais, não surpreenderam: “Numa entrevista, um aiatolá chegou a dizer que os protestos eram invenção dos ingleses e dos bahá’ís, que seriam donos da BBC - Bahá’í Broadcast Company [o nome verdadeiro é British Broadcasting Corporation]”,



Reeleito, Ahmadinejad terá de enfrentar a instabilidade interna, mas o regime teocrático não está sob ameaça

recorda H. O domínio da fé se estende ao sistema político.

Reformismo de faz de conta - No Irã, o “Guia Supremo”, atualmente Ali Khamenei, controla as Forças Armadas, o Judiciário, o Conselho de Discernimento e o Conselho dos Guardiões da Revolução – que tem poder de veto sobre os candidatos à presidência. Sem meias palavras: a teocracia. Se Mousavi pôde chegar a ser candidato, foi porque o Conselho dos Guardiões o admitiu.

Além disso, Mousavi foi primeiro-ministro de 1981 a 1989, período em que o país esteve em guerra contra o Iraque e no qual milhares de esquerdistas e liberais foram executados: “Mousavi não é um herege dentro da visão unanimista – e por isso muito pouco democrática – do regime”, esclarece o professor Raúl Enrique Rojo, dos programas de Pós-graduação em Sociologia e Relações Internacionais da UFRGS.

Desde já, abandone-se a ideia de que está em curso uma revolta antiteocrática: “O povo não quer uma revolução, quer apenas que seu voto seja respeitado”, observa H. É o mesmo que diz Rojo: “No meio da noite, do alto dos prédios de Teerã, os manifestantes vociferavam ‘Allah al Akhbar!’ [‘Alá é o mais grandioso’]. É o grito de um crente, não de um revolucionário”. H. se impressionou com o coro: “Na primeira vez, fiquei arrepiado. A partir da segunda noite de protestos, sempre às 22 horas, alguém começava: ‘Allah al Akhbar!’; até a cidade inteira – homens,

mulheres e crianças – estar gritando”.

Em um país cuja esmagadora maioria é composta de muçulmanos xiitas, é ilusório pensar numa oposição consistente aos aiatolás. Mulheres, estudantes e intelectuais abraçam o discurso religioso por ser a maneira de fazer “front comum ao regime”, conforme o professor Rojo, que acres-

Para se opor ao fundamentalismo, melhor aderir às cores do regime do que confessar simpatias com os matizes do ideário ocidental. Parece absurdo? Sobram motivos para dizer que não.

centa: “Assim, não oferecem pretextos para o regime os apontar como agentes do Ocidente”.

Para se opor ao fundamentalismo, melhor aderir às cores do regime do que confessar simpatias com os matizes do ideário ocidental. Parece absurdo? Sobram motivos para dizer que não.

Antiamerican way of life - O segundo e último xá do Irã, Moham-

mad Reza Pahlavi, foi um ditador sanguinário, apesar de ter iniciado um processo de modernização – e ocidentalização. As mulheres foram liberadas de utilizar o véu (*hijab*), universidades foram criadas, mas a mão do regime pesava sobre qualquer opositor: “Os clérigos xiitas, que sempre tiveram uma posição importante na cultura e no imaginário coletivo iranianos, digladiaram-se com o regime, que lhes passou a patola por cima”, diz Rojo.

Em 1951, uma revolução depôs o xá e fez do nacionalista Mohammed Mossadegh primeiro-ministro: “Esse foi, provavelmente, o único regime democrático que o Irã teve em toda a sua história, mas o fato de ter nacionalizado o petróleo afrontou os principais países do Ocidente”, conta Rojo. Uma das forças econômicas britânicas, a Anglo-Iranian Oil Company, escorregou das mãos inglesas de volta para as iranianas.

A gota d’água para a engatinhante democracia veio quando o Irã, em plena Guerra Fria, aproximou-se da União Soviética, mais por busca de apoio que por afinidade ideológica. Estados Unidos e Inglaterra intervieram militarmente no país, devolvendo o poder ao xá, o que começa a justificar a má reputação estadunidense por lá.

Reza Pahlavi já era um xeique do petróleo quando a oposição trouxe da França o exilado Ruhollah Khomeini e o derrubou de vez. A República Islâmica do Irã, que teve Khomeini como primeiro Guia Supremo, foi saudada pela população por ter encerrado

um ciclo de sujeição aos americanos. O ódio aumentou na guerra contra o Iraque, que estava sendo vencida pelo Irã até Saddam Hussein ganhar o apoio dos EUA: “Fábricas de gás e de armas biológicas foram construídas pelo Ocidente e utilizadas por Saddam contra o Irã”, revela Rojo.

Quando o presidente reformista Mohammad Khatami recebeu maior apoio do Parlamento, em 2000, depois de repetidas restrições a suas políticas e a seus cutucões nas feridas abertas do regime, Bush brindou o Irã com um lugar na lista dos países do “Eixo do Mal” – um prato cheio para os fundamentalistas. Ahmadinejad venceu as eleições de 2005, contando com o desengano de reformistas desmotivados demais para votar. Além disso, circulam histórias que, verdadeiras ou não, reforçam o rancor, a exemplo do que H. ouviu em Teerã: “Durante a guerra contra o Iraque, dois aviões civis iranianos teriam sido abatidos por mísseis americanos. Se o Irã continuasse combatendo, cairiam mais aviões”.

Relatos como esse suscitam dúvidas, mas parece claro que, a despeito do discurso pró-democrático dos líderes do “mundo livre”, a História apresenta ironias que delineiam o comportamento político ocidental: pouco importa que um regime seja repressor, desde que abra as portas para o livre mercado. Como dizem na terra de Bush: *sad but true*.

Demétrio Pereira, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

Testando as fronteiras do relativismo

Às vezes, a repressão anda de mãos dadas com a cultura, como repara H., jovem imigrante iraniano radicado no Brasil desde o final dos anos 80: “No Irã, as mulheres já dirigem, trabalham... Mas, ao visitar uma casa, fui obrigado a entrar antes das moças. Elas mesmas me empurraram”.

Algumas religiões são toleradas. Há, inclusive, igrejas cristãs. Os bahá’ís, entretanto, têm o que temer. Fundada pelo profeta Bahá’u’lláh, a fé bahá’í prega a harmonia entre as religiões e, por ter nascido no Irã, recebe um desafio especial do regime. A religião acredita que a fé deve se desligar da política, de modo a proporcionar um ambiente

tolerante com a diversidade de pensamento: “Cada indivíduo deve ser livre para buscar a sua própria verdade”, diz o pai de H., que, em busca de uma vida pacífica, saiu do Irã quando se viu na iminência de participar da guerra contra o Iraque, o que seria incompatível com sua crença: “A fé bahá’í tem como único motivo a paz”, salienta.

Buscando um regime que promova a paz, há como escrever torto por linhas aparentemente retas. “Existem três cantões suíços em que os habitantes se reúnem duas vezes ao ano, como na Ágora grega, para votar. Por esse sistema, os cidadãos de Appenzell [ao noroeste da Suíça] mantiveram suas

mulheres sem direitos políticos até dezembro de 1990”, nota o professor da UFRGS Raúl Enrique Rojo. Assim, a democracia direta pode servir a fins menos progressistas. Entretanto, o perigo maior reside no desrespeito a direitos fundamentais.

Na 39.ª Assembleia Geral das Nações Unidas, a delegação iraniana afirmou que seu governo reconhecia apenas a autoridade de Alá, e que a Declaração Universal dos Direitos Humanos “não corresponde ao sistema de valores reconhecido pela República Islâmica do Irã”. O discurso afirma que o país não hesitará em violar “convenções laicas” sempre que elas se opuserem à sua “lei divina”.

Diante disso, como hastear bandeiras humanitárias sem ferir particularismos culturais? O professor Rojo sugere: “Acredito que exista um ‘rodapé’, um mínimo incompressível de direitos. Há uma margem de relativismo para o que os povos entendem como a melhor maneira de organizar-se, comer, fazer amor, etc. Mas os juízos éticos não são nem podem ser relativos. Não se pode admitir que, com o pretexto de cumprir tradições, sejam mutiladas as genitálias das meninas [prática comum em alguns países africanos]. Nem aqui, nem em Teerã, nem onde seja”. Não é à toa que alguns direitos são qualificados como universais.



Ciência oculta no solo

Paleontologia

Lei federal vaga leva estados a criarem normas para proteger seus fósseis

Terminado o prazo de quatro anos, fósseis de crocodilos de aproximadamente 80 milhões de anos, encontrados em Campina Verde, Minas Gerais, no início de 2008, deverão ser devolvidos a instituições mineiras. O material foi levado por pesquisadores à Universidade de São Paulo (USP) para estudos, mas deve retornar a Minas em respeito à legislação estadual.

Decisões polêmicas como essa ocorrem porque a legislação brasileira a respeito de fósseis – vestígios de plantas ou animais pré-históricos – é insuficiente. Além de não definir de forma clara o papel dos estados em relação à conservação dos materiais, os códigos existentes também não estabelecem punições para os crimes contra o patrimônio mineral da União.

Leis regionais - Sabendo das carências da legislação nacional, os estados brasileiros tentam estabelecer regras locais que garantam a integridade de seu patrimônio mineral. É o que acontece em Minas Gerais e no nosso estado. A paleontóloga da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB) e vice-presidente da Sociedade Brasileira de

Paleontologia (SBP), Ana Maria Ribeiro, esclarece que os fósseis são considerados patrimônio do RS. “A Lei Estadual n.º 11.738, de 2001, prevê a preservação dos sítios paleontológicos e orienta que os fósseis continuem no estado.” Isso não significa que eles serão estudados apenas por pesquisadores gaúchos, mas que os fósseis aqui encontrados devem ficar sob a guarda de instituições sul-riograndenses de pesquisa ou de ensino. “O fóssil precisa ser integrado a uma coleção que tenha um curador, um paleontólogo responsável. Além disso, essa coleção tem de estar aberta à comunidade científica nacional e internacional”, observa a paleontóloga, acrescentando que o estado possui diversas organizações com estrutura adequada, como a UFRGS, a PUCRS e a própria FZB.

Em Minas Gerais, uma lei estadual de 1994 define que os bens paleontológicos encontrados no território mineiro só podem ser retirados para intercâmbio científico por prazo determinado e com autorização do poder público. Assim, os fósseis de crocodilos descobertos em Campina Verde serão devolvidos à cidade, que deverá criar um museu para abrigar as peças.

Se, por um lado, as medidas de proteção aos patrimônios paleontológicos estaduais fortalecem os centros de pesquisa, por outro, podem ocasionar o armazenamento do material em locais sem a estrutura básica necessária. A pesquisadora pondera que “se os fósseis voltarem a Minas, eles devem ficar em uma instituição que tenha estrutura, como a Universidade Federal de Ouro Preto, a Universidade Federal de Minas Gerais ou o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, em Peirópolis”. O risco, conforme Ana

Maria, é de que os itens retornem a um local que ainda não esteja preparado para recebê-los.

Lacunas na legislação - Segundo a convenção que regulamenta a importação, a exportação e a transferência de propriedades ilícitas dos bens culturais, elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1970, o comércio internacional de fósseis é ilegal, mas não há menção a castigos para quem os compra ou vende. No Brasil, a convenção foi promulgada em 1973 com o Decreto n.º 72.312. O professor do Instituto de Geociências da UFRGS e presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP), João Carlos Coimbra, considera a indeterminação das penas a maior inconveniência relacionada à legislação vigente. Ele constata que “as leis são muito boas, mas a maioria não diz qual é a punição para quem as infringir”. Ana Maria analisa a questão pelo mesmo ângulo. “Leis de proteção aos fósseis nós temos desde 1942. O grande problema hoje é a punição.”

A Portaria n.º 55 do MCT, de 1990, determina que os fósseis encontrados em território nacional devem permanecer aqui e que pesquisadores estrangeiros que desejem estudá-los necessitam de permissão do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). “Para um estrangeiro ir a campo no Brasil, ele precisa de uma licença solicitada por um pesquisador brasileiro, que deverá acompanhá-lo”, explica Coimbra. Ana Maria completa: “Se você está numa área de preservação, é importante que registre seu projeto no DNPM e também solicite uma autorização ao Instituto Chico Mendes para trabalhar naquele território”.

Comércio internacional - Uma dificuldade enfrentada com relação aos estrangeiros é que, em países como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Japão, a comercialização de fósseis é permitida. Pesquisadores de outras partes do mundo, desconhecendo a legislação brasileira, acabam levando os fósseis ilegalmente para fora do país com o objetivo de estudá-los. Há casos, entretanto, de indivíduos que, mesmo conhecendo a lei, exercem o comércio ilegal de fósseis pela alta rentabilidade que ele oferece. “O tráfico de fósseis, mundialmente, só perde, em termos de volume de capital movimentado, para drogas e obras de arte”, revela Coimbra. “Recentemente, tivemos um problema com o paleontólogo inglês David Martill. Ele coletava ilegalmente no Brasil, sabendo que é proibido.” Em 2006, o pesquisador da Universidade de Portsmouth, Inglaterra, foi flagrado por uma equipe do jornal O Estado de S. Paulo tentando comprar fósseis no interior do Ceará.

O controle do trabalho de paleontologia é feito pelo DNPM (o fóssil é, primeiramente, um bem mineral) em parceria com a Polícia Federal brasileira. No entanto, a legislação afirma igualmente que o fóssil é patrimônio cultural. Nesse caso, a responsabilidade passaria a ser do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Coimbra ressalta que “o responsável é o DNPM, mas o Iphan está querendo participar. Esse órgão tem feito várias reuniões com a SBP, com o poder público e com o DNPM. Ainda está em negociação, não há nada definido”.

Leila Ghorzi, Estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

Descentralizar é preciso

Em um ponto, a maioria dos paleontólogos concorda: a descentralização dos materiais é positiva, desde que feita com responsabilidade. “É mais importante surgirem novos museus, pequenos, mas numerosos, em diferentes lugares, do que o investimento de grande porte em museus centralizados nas capitais”, afirma João Carlos Coimbra, professor do Instituto de Geociências da UFRGS e presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP). Para ele, a ampliação territorial da ciência ocasionará novas descobertas de fósseis em todo o país. No entanto, alerta que as coleções devem ficar sob a responsabilidade de uma equipe competente, com estrutura adequada para receber os itens. Além disso, as novas peças precisam ficar à disposição de paleontólogos de todo o mundo. “Os pesqui-

sadores de outros estados e países devem ter acesso a esses fósseis, para fazer, inclusive, comparações. É por isso que se recomenda sua armazenagem em instituições de pesquisa.”

O surgimento de novos polos paleontológicos começou, segundo o professor, com a expansão da rede de ensino superior, ocorrida a partir de 2003. “A Paleontologia está se interiorizando rapidamente. Diversas regiões do país têm cursos de pós-graduação nessa área”, explica. A pesquisadora da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Ana Maria Ribeiro, concorda: “Antigamente, grande parte do material ia para o Museu Nacional no Rio de Janeiro ou para o Museu do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNMP), também no Rio. Então, todo o material do Brasil ficava concentrado lá. Os

investimentos na Paleontologia e o aumento da formação de profissionais descentralizaram os acervos. Isso é muito importante.”

A propagação dos museus de paleontologia resulta da popularização dessa especialidade. A paleontóloga acredita que filmes como *Jurassic Park* chamaram a atenção das pessoas e ajudaram a criar uma cultura de preservação e respeito ao patrimônio. “Quando comecei a trabalhar com fósseis, meus pais diziam: ‘a Ana está mexendo com uns ossinhos’”, lembra. Hoje, muitas instituições fazem trabalhos de educação básica para conscientizar as crianças sobre a importância dos acervos. Para ela, o debate em torno da questão é fundamental para o aumento do cuidado com os itens que têm sido encontrados.

Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto

A UFRGS também tem seu acervo de fósseis. Localizado no Instituto de Geociências, no Câmpus do Vale, o Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto possui mais de 45 mil itens catalogados. As cerca de 100 peças em exposição encantam os visitantes, que recebem folhetos explicativos. Monitores recebem a comunidade, de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 14h às 17h. Entre os materiais expostos, répteis do período Triássico do Rio Grande do Sul, como o *Exae Retodon Riograndensis* que ilustra esta reportagem, encontrado na região de Agudo, e invertebrados de quase todo o tempo geológico (que compreende aproximadamente os 4,5 bilhões de anos de existência da Terra), de várias partes do mundo. Idealizado em 1945 por Irajá Damiani Pinto, fundador do curso de Geologia da Universidade, o museu conta, desde dezembro de 2008, com uma sala permanente de exposições. Escolas podem agendar visitas pelo telefone (51) 3308-6377 com Protásio Paim.



Bonecas nem tão inocentes

Comportamento

Comerciais e programação de televisão voltados a crianças e adolescentes estimulam erotização precoce

Minissaia, corpo deitado em um divã com as pernas levemente cruzadas, olhar sedutor. Nas mãos, um doce, responsável pela boca suja de açúcar. A imagem estampada no outdoor, acompanhada do texto "Use e se Lambuze", se parece com tantas outras que já ilustraram publicidades. Um detalhe, porém, a torna diferente: a modelo tem cerca de cinco anos. O anúncio é de uma marca de roupas para crianças de sua faixa etária.

O marketing dirigido a crianças e adolescentes tem sido alvo de críticas há muito tempo. Questiona-se sua influência quanto à alimentação, à relação com os pais e ao consumo exagerado. Agora a discussão chega ao incentivo à erotização precoce, devido ao forte apelo sensual adotado em algumas campanhas publicitárias voltadas ao público infantil.

Mudança de conceitos - O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como crianças as pessoas com até doze anos de idade incompletos. A infância, porém, não foi a mesma em todas as épocas; em algumas destas, ela sequer existiu como conceito.

Segundo a professora Jane Felipe, da Faculdade de Educação da UFRGS, os significados em torno dessa noção podem variar de acordo com o tempo, a classe social, o gênero e a cultura em que as crianças estão inseridas. "O conceito de infância passou por um longo processo de construção, com base em inúmeras teorias de diferentes campos do conhecimento, especialmente nos séculos XVII e XVIII", explica.

Na Grécia Antiga, por exemplo, a relação sexual entre adultos e crianças podia ser vista como parte de

um processo pedagógico. Durante a Idade Média, não havia o cuidado de privar as crianças de certos assuntos e o trabalho infantil era considerado algo normal, sendo tolerado a partir dos sete anos. Com a chegada da Modernidade e dos ideais burgueses, surgiu a visão de infância marcada pela pureza, ingenuidade e inocência. "No século XIX, foram criadas várias leis para garantir proteção e bem-estar à criança, que se consolidaram de modo mais expressivo no século seguinte", descreve a educadora.

Hoje em dia, é difícil estabelecer quando termina esse período da vida. Até porque, o conceito de infância, em tempos em que crianças são estimuladas desde cedo a ter comportamentos antes considerados adultos, vem perdendo sua força. Para Jane Felipe, "significativas transformações, em combinação com o acesso infantil a informações sobre o mundo adulto, especialmente com o surgimento de novas

Criança e consumo

Várias instituições têm debatido a questão do consumismo infantil e suas consequências. O Instituto Alana, criado em 1994, tem no Projeto Criança e Consumo um de seus principais meios de ação para denunciar e informar sobre ações de marketing abusivo, procurando evitar seus principais efeitos: obesidade infantil, violência na juventude, sexualidade precoce e irresponsável, materialismo excessivo e desgaste das relações sociais. No site www.alana.org.br/CriancaConsumo é possível conhecer um pouco mais sobre sua atuação e fazer denúncias.



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

O conceito de infância perde força devido ao estímulo para que as crianças comportem-se como adultos

tecnologias, têm afetado drasticamente as vivências infantis, acarretando uma crise da infância contemporânea".

Infância à venda - Na programação televisiva, espíãs adolescentes vaidosas ou estudantes às voltas com a primeira relação sexual. Na hora do intervalo comercial, sandália de salto e maquiagens com a assinatura da apresentadora favorita, que em seu programa sempre pergunta às crianças: "Já namora?". Assim, o incentivo ao namoro e ao cuidado com a aparência não se limita apenas ao universo adulto, estando presente também na vida dos pequenos.

Publicidades de uma marca de sandálias de plástico veiculadas em revistas também são um exemplo desse desenvolvimento precoce. A agência responsável pela campanha a descreveu como sendo "estrelada por *top models* mais do que exclusivas, até porque eram feitas do mesmo material que a própria sandália: plástico". As bonecas, no entanto, não tinham nada de infantis. Na verdade, as modelos que lhes emprestaram suas formas possuíam corpos ainda em desenvolvimento. Acompanhando essas imagens, frases como "A menina troca a boneca de plástico por uma sandália, e o papai nunca mais dorme tranquilo" e "Conforme o plástico vai tomando forma, a inocência vai saindo de fininho".

Por estar ainda em processo de formação de personalidade, a criança

é mais suscetível à influência dessas mensagens. A psicóloga e ex-publitéria Maria Helena Masquetti, participante do Projeto Criança e Consumo, do Instituto Alana (sociedade sem fins lucrativos com sede em São Paulo), esclarece que os malefícios dos apelos comerciais dirigidos à criança estão em chamar a atenção dela para interesses impróprios para sua idade. "O objetivo é forjar um consumidor precoce, desviando a atenção da criança do seu mundo de fantasias para um mundo de demandas eróticas com as quais elas não estão aptas nem física nem mentalmente para lidar", diz a especialista.

Adeus, fantasia - Os pais protegem os filhos dos perigos das ruas, deixando-os supostamente seguros em casa com a televisão e a Internet fazendo o papel de babás. Esquecem, porém, que esses meios não possuem um filtro adequado e que todo conteúdo deve ser controlado por eles.

Entre as consequências da erotização precoce estão os distúrbios alimentares, como a bulimia e a anorexia, a gravidez na adolescência e o aumento do número de cirurgias plásticas em corpos ainda em desenvolvimento. "De modo geral, todo o comportamento está mais precoce nas crianças, desde a maneira de se vestir até o modo de se relacionar. Vê-se um número cada vez maior de meninas usando roupas sensuais e de meninos fumando e bebendo como forma

de parecerem mais velhos", revela a psicóloga Maria Helena.

Já o doutorando em Comunicação e Informação pela UFRGS e professor da Univates Flávio Meurer pensa que hoje não se pode falar em erotização influenciada pela mídia da mesma forma que se falava nos anos 80. "A Xuxa foi um marco desse fenômeno naquele período, e hoje não se pode dizer que exista um incentivo apenas à sensualidade precoce, mas um estímulo às crianças para que sejam adultas no geral."

Jane Felipe define essa inserção da criança no universo adulto como um processo de "pedofiliação" da sociedade. "As crianças foram descobertas como consumidoras e, ao mesmo tempo, como objetos a serem consumidos", diz a educadora. Na opinião de Maria Helena, é importante lembrar que a pedofilia – que não compreende apenas o ato sexual com menor de idade, mas também a mera contemplação ou insinuação – já existe sem estímulos para esse comportamento, quanto mais com crianças agindo como "miniadultas". "Mesmo sendo desaconselhável, um pai e uma mãe podem até achar graça em ver sua filha pequena rebolando sensualmente ao repetir uma coreografia de tema sexual. Porém, não se pode garantir que outros olhares não a observem de forma perigosa", alerta a psicóloga.

Luciane Costa, estudante do 7.º semestre do curso de Jornalismo da Fabico

JU indica



DesAMORdaçados

Luiz Antonio de Assis Brasil (org.)
Editora Libretos, 2009,
160 págs.,
R\$ 25 (valor médio)

A presença de novos escritores é sempre muito bem-vinda. Com o dedo de sabedoria do professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, mais uma injeção de oficinairos, a 39.ª, é posta à luz. São as "categorias de base" da nossa literatura ganhando o sabor do livro – bem produzido, aliás. Capa em vermelho veludo, gravura da mão e mordida. O projeto gráfico da Libretos resulta em um livro leve, papel tom jornal, suave e bonito. Por que não um livro elegante? Foi o resultado. Afinal, as antologias fazem o *gran finale* do processo de trabalho de carpintaria das oficinas. São fruto, quase sempre, de investimento cuidadoso, olhar materno. DesAMORdaçados é o título. A apresentação de Cíntia Moscovich, que declara seu vínculo e fascínio com as oficinas do

Curso de Pós-graduação em Letras da PUCRS – que completam 24 anos –, nos serve de bom aperitivo para penetrar nesse universo recendendo a verde do texto, da narrativa, do conto. Cada um dos 13 autores que assinam o trabalho nos propõe três contos. Com variações que torcem a razão dos classificadores, os textos conformam interessante *pout-pourri* de estilos, enfoques, artesanias, consistências. Neles vamos encontrar o enfoque da crueza cínica do universo falocêntrico, a versão provocante de um cotidiano *trash*, o desejo (quase realizado) de evasão ou transgressão, a poética do suicídio, a interessante perspectiva existencialista de um narrador não humano. Enfim, um livro que, no mínimo, causará rumores na arquibancada. (Antônio Falchetta)

Vozes da estante

de Susana Vernieri,
Editora do Autor, 2009, 160
págs.,
R\$ 25 (valor médio)



A autora, doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS, apresenta uma compilação de nove ensaios que, tratando da literatura brasileira, tanto oferecem olhares novos para velhas polêmicas quanto reanimam questões que rumavam para o silêncio e a preguiça do consenso. Se o conteúdo é ousado, o mesmo pode ser dito em relação à fluidez do texto – um abandono à atmosfera sisuda que costuma emanar dos trabalhos científicos. A aproximação entre o artigo acadêmico e o leitor encontra correlato no estudo da escritora sobre as obras de Vinicius de Moraes, Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto, dissipadoras da distância entre popular e erudito. Também é analisada a produção de João do Rio, apontada como a antemã do *new journalism* brasileiro. (Demétrio Pereira)



Primeiras Estórias

de João Guimarães Rosa
Editora Nova Fronteira,
Coleção 40, Anos 40 Livros,
2005, 224 págs.,
R\$ 25 (valor médio)

O relançamento dessa seleção de contos é uma rara oportunidade para destacar o seu grande valor dentro da Literatura Brasileira. Guimarães Rosa renovou a linguagem literária do país. O livro, publicado pela primeira vez em 1962, reúne vinte e um textos e é uma excelente introdução à magistral produção de um dos maiores escritores em língua portuguesa de todos os tempos. A palavra "primeiras" no título da publicação explica-se por ter sido a primeira vez que o autor praticou o gênero conto curto. O estilo único do escritor mineiro Guimarães de Rosa, aproveitando a linguagem coloquial e a fala popular, permite a transmissão de fatos e emoções de uma forma tão intensa, impossível de ser atingida por meio da estilística convencional. (Artur Lopes)



Bienvenue, France

Legado

O apego ao país homenageado este ano, herdado dos portugueses, foi decisivo para o progresso cultural do Brasil

Você pode vestir sua blusa de *tricô bege*, passar seu *batom bordô*, chamar o *chofer* e ir a um *restaurant chique* comer *filé* e tomar *conhaque* ou ir a um museu apreciar a obra de um pintor modernista brasileiro ou, simplesmente, ficar em casa lendo poesia parnasiana. Independentemente do programa que escolher, *mon ami*, ele terá um toque francês. Embora não tenha sido estabelecida aqui a França Antártica, como desejava Villegagnon, a influência da revolucionária nação ao longo do desenvolvimento do nosso país ecoa até hoje sem que percebamos.

Neste 2009 de festejos ao Ano da França no Brasil – resposta ao ano brasileiro na França, que ocorreu em 2005 –, é o momento de entender que o avanço nos permite estabelecer trocas, dar um pouco, depois de tanto para chegar até aqui. “Temos uma série de homogeneidades com o pensamento francês e, hoje, a possibilidade de influenciar esse pensamento e o modo de viver franceses”, afirma Roner Guerra Fabris, cônsul honorário da França em Porto Alegre. Essa reaproximação revela que culturas essencialmente diferentes são, na verdade, complementares: a capacidade organizacional e formatada do modo de vida dos franceses é surpreendida pelo jeitinho brasileiro de estar sempre pronto para lidar com adversidades. E vice-versa.

“Eu diria que um brasileiro na França em pouco tempo passa a ser francês, e um francês no Brasil em pouco tempo passa a ser brasileiro, ao contrário de povos com outras tradições, que não conseguem ter uma relação como a nossa. Em uma semana em terras tupiniquins, os franceses já adoram a caipirinha, assim como nós o vinho”, exemplifica o cônsul. Se esse realmente não parece ser o problema, a comunicação também não se faz tão difícil. Apesar de ser considerada uma língua complicada e com uma sonoridade diferente da nossa, o francês, assim como o português, é originário do latim. “É um idioma complexo como o nosso. Ambos têm uma gramática e um sistema verbal complexos, mas, em geral, o brasileiro não tem dificuldade para aprender francês, até porque nós temos um sistema vocálico amplo”, explica a professora do Departamento de Francês da UFRGS Rosa Maria de Oliveira Graça.

Vocabulário chique - Ainda que neste ano comemorativo o foco seja a nossa relação futura com o país da Torre Eif-



A exposição “Arte na França 1860-1960: o Realismo”, em cartaz no Margs, é uma oportunidade de conferir a influência dos franceses nas artes

fel, é inevitável falar do passado desse amor aqui plantado pelos portugueses e de todas as suas consequências. Talvez a mais corriqueira delas, presente no dia a dia de todos os brasileiros, passe despercebida de boca em boca ou em forma escrita, nomeando ações, adjetivações, pensamentos: justamente a língua portuguesa. Não bastasse o fato de as nossas primeiras gramáticas serem cópias das francesas na estrutura e organização do estudo da língua, boa parte do nosso léxico é de origem francófona. Além das palavras e expressões que se tornaram universais – Sérgio Correa da Costa, no livro “Palavras sem fronteiras”, apurou que a maioria delas, dentre várias línguas, são francesas –, como *blasé*, *voyer* e *femme fatale*, há tantas outras adaptadas. *Garagem*, *maquiagem*, *bordô*, *bege*, *abajur*, *menu*, *reclame*, *cupom*, *charme*. “Esses ‘empréstimos’ são naturais quando duas culturas têm contato e há trocas entre artistas, intelectuais e pensadores. O interessante é que até guardamos um pouco da pronúncia, mas adaptamos à nossa ortografia. Uma subversão bem brasileira”, destaca a professora Rosa.

Além disso, criamos sentidos diferentes para palavras que de lá vieram. Franceses não pagam em prestações; para eles, *carte* significa somente livro de notas. Sem parcelas, sem juros. Eles também não pagam *couvert*, afinal, originalmente, a palavra denomina o ‘coberto’ da mesa, ou seja, os talheres. No entanto, Rosa conta que o acento francês tornou-se frequente porque

o importante era falar algo na língua de Proust: “Isso tem muito a ver com a representação que o francês sempre teve para nós, de ser ligado ao luxo e às relações sociais. Então, usava-se o francês para dizer coisas de uma maneira um pouco mais refinada”.

A capacidade formatada do modo de vida dos franceses é surpreendida pelo jeitinho brasileiro

Leitura obrigatória - O idioma tornou-se conhecido por aqui quando a elite passou a ter acesso à educação em instituições trazidas pela Igreja que possuíam na sua grade curricular o estudo da língua francesa – que, aliás, esteve presente nas escolas até pouco tempo. O aprendizado possibilitou a leitura de escritores franceses – traduzidos somente mais tarde por grandes nomes da nossa literatura, como Mario Quintana.

Porém, não fiquemos somente com o estereótipo das moças seduzidas pelo imaginário francês – é só evocar cenas como a imortalizada por José de Alencar na jovem Lúcia lendo “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho, em “Luciola” (1862): “Quem queria ser escritor na época tinha de ler os franceses até para criar uma

noção de literatura”, esclarece Márcia Ivana de Lima e Silva, professora de Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade.

E foi assim que, de fato, teve início a nossa literatura, com o Romantismo inspirado no modelo francês. Essa influência é evidente: não é à toa que, no decorrer das obras de José de Alencar e também de Machado de Assis, que teve uma fase romântica, existam muitas expressões francesas e citações de escritores da terra da Marselhesa. “Se tu fores ver as epígrafes dos livros, quase sempre se escolhia um autor francês”, lembra a também professora de Teoria Literária da UFRGS Rita Lenira Bittencourt.

Os vestígios literários e o prestígio dos franceses vão além da criação, por Machado, da Academia Brasileira de Letras nos moldes da existente na França. Balzac foi referência para os nossos realistas e, se falarmos em poesia, a comparação pode começar ainda na prática de denúncia da geração romântica de Castro Alves inspirada em Victor Hugo. Mais tarde, Baudelaire e Rimbaud ecoaram aqui no Parnasianismo e no Simbolismo.

Os modernistas, mesmo com o intuito de criar algo realmente nosso, também se deixaram levar pelos ares europeus – principalmente pelo *français* –, já que o movimento antropofágico defendia que nada devia ser negado, pelo contrário, todos os estímulos deveriam ser absorvidos e usados ao lado da inovação.

Toda essa influência francesa, se-

gundo Rita, ultrapassa a tessitura do texto literário: “A França foi o centro irradiador do pensamento humanista, político, enfim, o parâmetro intelectual do cenário mundial, de onde saíram ideias que refletiam por todo o lugar e também aqui”.

Paris, mon amour - Nas artes, não poderia ser diferente: durante muito tempo, o berço de grandes pensadores foi também centro artístico. Depois do Iluminismo no século XVIII, Paris viveu a Belle Époque e, mesmo após a eclosão da Primeira Guerra, não perdeu o posto. Lá surgiram ou se desenvolveram movimentos como o Impressionismo e, já no século XX, as vanguardas, que ecoaram por todo o mundo: “Todos os grandes pintores tiveram influência francesa e a maioria passou por Paris”, diz Teresa Poester, artista e professora do Instituto de Artes.

O Brasil, depois de receber, em 1816, quando ainda colônia de Portugal, a Missão Artística Francesa que estabeleceu aqui a primeira Escola de Belas Artes, mais tarde exportou seus artistas para lá. Portinari, Cícero Dias, Tarsila do Amaral, Iberê Camargo e muitos outros não perderam a oportunidade de ir para a Cidade Luz conviver com grandes mestres. “Todos eles sofreram influência dos franceses. A gente não é geração espontânea, né?! Todos viemos de algum lugar”, lembra bem a artista. *Merci beaucoup, France!*

Jaqueline Crestani, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

O momento ideal para compreender a força da arte francesa

Numa quarta-feira gelada de julho, uma extensa fila chama atenção na Praça da Alfândega. Pessoas de todas as idades encolhidas de frio carregam suas sacolas com alimento e esperam ansiosas pela sua vez de entrar. E a fila continua lá dentro, em frente à linha amarela que separa o público de obras-primas inéditas por aqui. A exposição “Arte na França 1860-1960: o Realismo” está ocupando dois andares do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs) e é o maior evento que o local já recebeu nos seus recém-completados

55 anos. “É um dos maiores acontecimentos da programação do Ano da França do Brasil. A mostra já esteve no Museu de Arte de São Paulo (MASP), e aqui estamos superando qualquer estimativa de público, recebendo em média duas mil pessoas por dia”, orgulha-se César Prestes, diretor do museu.

A oportunidade é realmente única: grandes nomes da pintura contam, por meio de suas obras, cem anos da história da arte. Sem distinção, as nacionalidades misturam-se e dissolvem-se

como as cores numa tela. Tudo é arte e, por assim ser, possui uma referência francesa. “O curador Eric Corne foi muito sensível na montagem e estabeleceu um diálogo muito interessante entre os europeus e os brasileiros, por exemplo. Seja pela temática, pelo momento ou traço, pode-se ver que todos se alimentaram da efervescência de Paris”, ressalta César. Nas paredes do Margs, Monet, Picasso, Anita Malfatti, Renoir, Guignard, Iberê, Van Gogh, Salvador Dali, Di Cavalcanti e muitos outros. Todos reunidos por uma boa causa.

Arte na França 1860-1960: o Realismo

Onde: Margs - Praça da Alfândega, s/n.º, centro
Quando: até 30 de agosto
Visitação: de terças a domingos, das 10h às 18h
Entrada: 1 kg de alimento

► **Redação** Ánia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Arte na Sala Fahrion



Artes Visuais

Exposição apresenta obras de jovens artistas selecionadas por edital do projeto Uniarte

Foi inaugurada no dia 12 deste mês a mostra Uniarte Sala Fahrion, que exhibe obras selecionadas entre os projetos de graduação do Curso de Bacharelado em Artes Visuais da UFRGS durante o segundo semestre de 2008.

Os trabalhos foram contemplados pelo Edital Uniarte Sala Fahrion, cujo objetivo é servir de estímulo à qualidade da produção artística gerada na Universidade.

Para Marco Arruda, autor do vídeo *Antitreiler (foto)*, que já apresentou trabalhos na Bienal B e no Granimado - Festival de Animação de Gramado 2008, esta é uma nova oportunidade de divulgação. Segundo ele, sua obra é um curta-metragem de animação que brinca com a narrativa cinematográfica ao apropriar-se de imagens de filmes brasileiros das décadas de 50 e 60, criando uma espécie de trailer.

Também participam da mostra Mônica Ruschel (fotografia), Ana Carolina Becker (desenho e livros de artista) e Leonardo Fanzelau (escultura/objeto).

Organizada pela Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes e pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, a exposição tem curadoria da professora Ana Maria Albani de Carvalho.

A visitação pode ser feita até 28 de agosto, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, com entrada franca. Mais informações pelo telefone 3308-4302.

CINEMA

Sala Redenção

O Departamento de Difusão Cultural cancelou a programação deste mês. A decisão segue a orientação de evitar concentração de pessoas em locais públicos fechados, em decorrência do aumento de casos da gripe A no estado.

Cine F - Grupo de Estudos de Cinema da Fabico



Projeto de extensão dos alunos da Fabico que retoma a prática do cineclubismo dentro do espaço acadêmico. Serão realizadas exposições de filmes com posterior discussão de temas filmes relevantes para a evolução da linguagem cinematográfica como a Nouvelle Vague francesa e o Cinema Novo brasileiro. As atividades serão realizadas quinzenalmente. Período: 25 de agosto a 1.º de dezembro Local e horário: auditório da Fabico, às terças-feiras, das 14h às 17h Inscrições: até 25 de agosto pelo e-mail cinefabico@gmail.com. Será cobrada taxa de R\$ 5 para quem desejar o certificado de extensão Entrada franca nas sessões

ESPECIAL

A Educação no Século XXI



Conferência com Howard Gardner, psicólogo norte-americano, professor de Educação e de Psicologia na Universidade de Harvard. A atividade integra o projeto cultural Fronteiras Braskem do Pensamento, patrocinado pela Braskem com a parceria da UFRGS e da Unisinos. Data: 17 de agosto (segunda-feira) Local e horário: Salão de Atos, às 19h30min Ingressos à venda no site www.frenteirasdo-pensamento.com.br Informações: 3019-2326

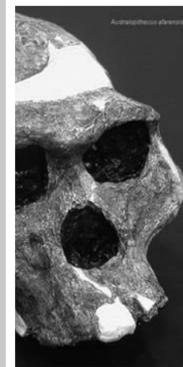
A Educação Pode Mudar a Sociedade?

Palestra com o professor Michael Apple da Universidade de Wisconsin-Madison (EUA), um dos mais importantes intelectuais na área da educação. A atividade será a aula inaugural dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação da UFRGS. Data: 19 de agosto (quarta-feira) Local e horário: Salão Nobre da Faculdade de Direito, às 19h30min Entrada franca Informações: 3308-3268

PLANETÁRIO

Evolução Humana: em Busca de Nossas Origens

Palestra para o projeto Ciência no Planetário com a professora Maria Cátira Bortolini, do Departamento de Genética do Instituto de Biociências. A pesquisadora falará sobre a trajetória evolutiva do homem, marcada por extraordinários ganhos nas habilidades cognitivas, e sobre como essa complexa forma de viver não está desvinculada das premissas essenciais básicas aos outros seres vivos, tais como viabilidade e reprodução. À medida que mais conhecimentos adquirimos sobre nós, nossas origens e sobre os mecanismos que regem as leis da natureza, mais podemos nos questionar sobre nosso futuro como espécie. Data: 17 de agosto (segunda-feira) Local e horário: Sala Multimeios do Planetário, às 19h Entrada franca



TEATRO

Mostra de Teatro do DAD 2009/1

Apresentação da produção teatral dos formandos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Teatro do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS.

BLUES BEAT
Uma mulher e dois homens na estrada em busca do desconhecido. Texto inspirado na obra de Jack Kerouac e no blues norte-americano. A peça é resultado do Estágio de Atuação II de Cibele Donato e tem orientação do professor Irion Nolasco. Elenco: Cibele Donato, Frederico Vasques e Ítalo Cassará. Direção de Daniel Fraga e Júlia Rodrigues. Apresentações: 21, 22, 23, 28, 29 e 30 de agosto Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 20h Entrada franca

ANTÍGONA E A LEI DOS DEUSES
Trabalho autoral de Natáli Caterina Karro para a disciplina Estágio de Atuação I. A peça revisita o mito de Antígona, baseado em fragmentos do clássico de Sófocles escrito há 2.500 anos. Orientação da professora Moira Stein. Apresentações: 1, 2, 3, 4, e 5 de setembro Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 20h Dia 3 de setembro, sessão extra às 12h30min Entrada franca



MÚSICA

OSPA-UFRGS

Série de apresentações da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre viabilizada pelo convênio entre a Universidade e a Fundação OSPA. Membros da comunidade universitária podem retirar até dois ingressos gratuitos na quinta-feira da semana anterior aos concertos.

CONCERTO OFICIAL
Concerto em homenagem ao centenário da imigração russa no Rio Grande do Sul. A Orquestra irá interpretar composições de Mussorgsky, Tchaikovsky e Rachmaninov. Solista convidada: Marina Shevchenko (soprano). Regência do maestro Alexey Nikonov. Data: 25 de agosto Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min Ingressos: R\$ 20 (na bilheteria do Salão de Atos, das 11h às 19h)

Unimúsica - Lenine



Show do cantor e compositor pernambucano, um dos renovadores da canção brasileira. Suas criações misturam ritmos eletrônicos, influências nordestinas e samba. Data: 3 de setembro Local e horário: Salão de Atos, às 19h Retirada de senhas na bilheteria do Salão a partir de 31 de agosto, mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível

Vale Doze e Trinta - Falsa Valsa

Show com a banda formada pelo vocalista e guitarrista Augusto Darde, a baterista Paula Malaszkiwicz e o baixista e backing vocal Carlos Kuhn. Data: 14 de setembro Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, às 12h30min Entrada franca

CURSOS & PALESTRAS

Frustração, Desordem e Complexidade: como a Física Resolve Problemas Insolúveis

Palestra com Daniel Adrián Stariolo, pesquisador do International Center for Theoretical Physics. O professor falará sobre o desafio dos sistemas complexos desde a perspectiva da Física. A atividade integra o ciclo de palestras do Instituto de Física. Data: 20 de agosto Local e horário: Livraria Cultura, às 19h30min Entrada franca

História da Terra e a Teoria da Evolução: Darwin como Geólogo



Palestra com o professor do Instituto de Geociências Rualdo Menegat sobre o papel de Darwin no desenvolvimento da concepção moderna da Terra e da Geologia. Data: 20 de agosto Local e horário: Sala II do Salão de Atos, das 14h às 18h Entrada franca

Música e Retórica: uma Abordagem Teórico-prática



Curso de extensão organizado pelo Departamento de Música, abordando aspectos histórico-teóricos da Retórica ocidental, relacionando-os com a performance de obras musicais compostas até 1780. A ministrante será a professora Mônica Isabel Lucas (ECA-USP), uma das maiores especialistas brasileiras no assunto. Período: 24 a 27 de agosto Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, das 17h30min às 20h30min Inscrições: até 28 de agosto na Coordenação de Extensão em Música

Computação Evolutiva

Palestra sobre o ramo da ciência da computação que se inspira no princípio darwiniano da evolução das espécies e na genética. A palestrante, Ana Lúcia Bazzan, é professora do Instituto de Informática da UFRGS e irá explicar por que soluções inspiradas na natureza são interessantes. Data: 25 de agosto Local e horário: Sala II do Salão de Atos, às 9h Entrada franca

Uma Noite no Museu

Encontro com Francisco Marshall, professor dos Programas de Pós-graduação em Artes Visuais e em História da UFRGS. O projeto é uma parceria com o Curso de Graduação em Museologia. Data: 26 de agosto Local e horário: Mezanino do Museu, às 19h Entrada franca

Tempo Infantojuvenil e Rede de Proteção: Trabalho e Formação

Seminário promovido pela Faculdade de Educação (Faced) para divulgar na comunidade o trabalho relacionado à defesa dos direitos da criança e do adolescen-

te e ao trabalho dos agentes das políticas sociais na Vila Grande Cruzeiro Data: 24 e 25 de agosto Local e horário: auditório da Faced, das 14h às 17h30min, e das 18h30min às 22h Informações e inscrições: 3308-4130

Ambiente e Evolução: Darwin como Ecólogo

Painel que discutirá como a evolução permeia processos como a sucessão ecológica, vistos claramente na interação entre florestas e campos em nosso estado. Serão apresentadas as palestras: - Darwin e a coevolução - o risco desconhecido das coextinções de espécies, com Milton Mendonça Jr. (Instituto de Biociências) - Os ambientes visitados por Darwin hoje em dia - o pampa argentino e araucárias fósseis, com Valério Pillar (Instituto de Biociências) - Grande Barreira de Coral da Austrália, com Renato Silvano (Instituto de Biociências) - Evolução e Estrutura de Comunidades: como a filogenia afeta a ecologia, com Leandro da Silva Duarte (Instituto de Biociências) Data: 1.º de setembro Local e horário: Sala II do Salão de Atos, às 9h Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Uniarte - Total Presença - Pintura

Mostra que divulga parte do acervo artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes. Curadoria de Blanca Brites. As obras serão expostas em dois espaços simultaneamente. Visitação: na Pinacoteca, 20 de agosto a 23 de setembro; no Paço Municipal, de 21 de agosto a 26 de setembro Entrada franca



Em Casa, no Universo

A exposição apresenta um pouco da história da Astronomia, contemplando questões atuais e enfocando aspectos da pesquisa contemporânea em Astrofísica. Visitação: até 30 de abril de 2010 Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h Entrada franca Agendamento de grupos pelos telefones 3308-3050 ou 3308-3390 ou no site www.museum.urgs.br

ONDE?

Auditório da Fabico
Rua Ramiro Barcelos, 2.705 Fone: 3308-5167

Auditorium Tasso Corrêa
Rua Senhor dos Passos, 248 Fone: 3308-4318

Faculdade de Educação
Av. Paulo Gama, s/n.º Fone: 3308-4129.

Livraria Cultura
Av. Túlio de Rose, 80 - loja 302 Fone: 3028-4033

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277 Fone: 3308-3390

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo
Rua Senhor dos Passos, 248 - 2.º andar Fone: 3308-4302

Planetário
Av. Ipiranga, 2.000 Fone: 3308-5384

Sala Alziro Azevedo
Av. Salgado Filho, 340 Fone: 3308-4318

Sala Fahrion
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar Fone: 3308-3034

Sala II e Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110 Fone: 3308-3066

Meu Lugar na UFRGS



DIEGO MANDRINO/JU

Calouro na oficina

“Seu Edgar” é um calouro na UFRGS. Trabalhando desde março deste ano na oficina mecânica do Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (Leme) da Escola de Engenharia, Edgar Wallace Pereira Lucas aos poucos vai conhecendo as características da Universidade e fazendo dela sua nova casa.

Quando menino, o estudante de Porto Alegre queria ser sargento do Exército. A vida, porém, escolheu outro caminho para ele. “As pessoas com poder aquisitivo mais baixo, como era o meu caso, tinham de procurar escolas públicas que direcionassem para algum trabalho.” Assim, Edgar ingressou no curso de mecânica industrial da Escola Técnica Parobé. Ele não chegou nem mesmo a se alistar, graças ao incentivo do governo militar aos alunos de escolas profissionalizantes.

Com o término do curso, veio o emprego em uma companhia aérea, na qual trabalhou por mais de 19 anos. “Lá meus conhecimentos se alargaram. Hoje domino fundição, plástico, madeira, uma série de materiais. Não fiquei preso ao conhecimento específico à minha formação.” Depois disso, o técnico de laboratório teve uma empresa com um amigo, trabalhou com vidros e como autônomo na manutenção de equipamentos.

A oportunidade na UFRGS surgiu com o concurso realizado em 2008. Devido ao número reduzido de vagas para a sua área – apenas cinco –, Edgar não esperava ser chamado. A surpresa veio perto da semana do Carnaval deste ano, com um telefonema de sua esposa informando a chegada de um telegrama. Os poucos dias para colocar a documentação em dia e fazer os exames médicos exigidos preocuparam-no: “O que a UFRGS pede não é pouco: exame na esteira, em repouso, eletrocardiograma... Além de o prazo estar expirando, em um deles o médico achou um problema”. A doença, porém, não se confirmou e ele pôde assumir o cargo a tempo.

“Fui muito bem recebido. O Fontes disse que eu era muito aguardado, pois desde 1989 não entrava ninguém aqui. Quando o Laboratório surgiu, eram seis pessoas; hoje só tem ele”, conta, referindo-se ao colega Eurípedes Martins Fontes. O acolhimento da Universidade teve significado especial para o novo servidor. “Eu senti o número de vezes que a gente foi recepcionado, pois mandam correspondência assinada pelo reitor, depois reúnem todo mundo e fazem cursos. Tu te sentes importante, com o ego massageado, te predispondo a fazer as coisas com mais vontade e carinho.”

A oficina do Leme lhe trouxe uma nova experiência: o contato com os estudantes de Engenharia Civil. “É bastante incentivador trabalhar com os alunos, ainda mais porque a minha faixa de idade já está avançada em relação à deles”, diz o técnico de 54 anos. Com professores e colegas de trabalho, a relação também é valorizada. “A recepção das pessoas é muito boa, algo que me chamou a atenção. Eu venho de empresas privadas, nas quais a concorrência é grande. Aqui tudo que tu fazes as pessoas agradecem, independente se é um favor ou se é a tua responsabilidade”, explica.

No laboratório, entre equipamentos de mecânica, ferramentas e materiais de construção, Edgar auxilia alunos e professores nas aulas e nos ensaios desenvolvidos por eles. “Os estudantes vêm, falam conosco sobre a possibilidade de desenvolver aquela ideia. A gente vai conversando, modifica alguma coisa, torna o projeto mais viável e faz adaptações por questões de custos”, relata. Nas aulas práticas, são demonstradas condições reais para a construção civil e aplicações para os estudos feitos em sala. “Trabalhamos com a preocupação de cumprir as normas da Engenharia, procurando ensinar aos alunos que vão exercer essa profissão a importância dessas regras para evitar acidentes e desabamentos.”

Descrver uma rotina de trabalho é complicado, justamente pelas interrupções de alunos pedindo materiais ou conselhos, momentos nos quais, segundo ele, deve-se sempre manter a educação. Edgar já conseguiu perceber, também, as características da Universidade de acordo com seu cronograma: “Em função das aulas e do movimento de estudantes, o ambiente fica mais agitado. Agora nas férias aproveito para organizar as coisas”.

Edgar descreve o seu lugar na UFRGS com carinho de veterano: “É onde eu faço o que gosto, trabalho com prazer, porque aqui, com os meus conhecimentos, ensino pessoas que estão dispostas a aprimorar os seus. O que mais me agrada é tu projetares alguma coisa com alguém, desenvolver e ver aquilo funcionar. Isso que é o prazer”.

Luciane Costa

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Perfil Hélgio Trindade

Com os olhos
no futuro

Aos 70 anos,
ele preside a
Comissão de
Implantação da
Universidade
da Integração
Latino-americana
em Foz do Iguaçu

Ânia Chala

Enquanto planeja minuciosamente a unidade precursora da Universidade da Integração Latino-americana (Unila), cujas atividades se iniciam neste mês (leia notícia na página 3), o professor de Ciência Política e ex-reitor da UFRGS Hélgio Henrique Casses Trindade divide seu tempo entre o Paraná, o Rio Grande do Sul e Brasília, onde faz parte do Conselho Nacional de Educação.

O mais velho de cinco irmãos, ele nasceu em Encruzilhada do Sul. Seu pai foi juiz municipal nessa cidade e, posteriormente, prefeito de Flores da Cunha até se transferir para a capital gaúcha em 1947. Fez os primeiros anos do primário no Grupo Escolar Uruguai. “Minha avó lecionava lá e eu tinha vergonha de ser identificado como neto de professora. Na hora do recreio, disfarçadamente, ela colocava uma rapadurinha no bolso do meu uniforme”, relembra sorrindo.

Mistura de tendências - A mãe de Hélgio era filha de Átila Guterres Casses, agnóstico, poeta, escritor e jornalista. “Sou resultado de duas influências: de um lado, essa figura carismática e um pouco heterodoxa; de outro, uma família paterna de tradição católica. Meu tio-avô por parte de pai foi o primeiro bispo de Porto Alegre. Acho que consegui combinar essas duas tendências.”

No ginásio, estudou no Colégio Anchieta e fez parte da Congregação Mariana, da qual foi expulso por seu envolvimento com a política estudantil, juntamente com o colega Francisco Ferraz, também ex-reitor e professor da UFRGS. “Era ligado ao Grêmio Literário, ganhava prêmios de declamação de poesias e me interessava por Filosofia. Quando cheguei à Universidade, em um ano, dominávamos a política estudantil como dirigentes da Ação Popular.”

Campanha de base - Em 1959, ingressou na Faculdade de Direito da PUCRS e depois, simultaneamente, cursou Filosofia na UFRGS, sendo aluno de Ernani Maria Fiori e Leônidas Xausa. “Então, fiz um curso coordenado por Cláudio Accurso com economistas da Cepal/Chile, chamado *Desenvolvimento e Planejamento Econômico*. Ali, a Economia passou a ocupar o espaço do Direito.”

Ele conta que o curso de Direito era um pretexto, pois passava a maior parte do tempo envolvido com política estudantil. Em 1961, integrou a delegação brasileira que viajou a Cuba para as comemorações do terceiro aniversário da Revolução. “Foi uma experiência rica. Entrevistamos Fidel Castro e assisti a uma cena fantástica: ao final de um discurso do líder cubano em praça pública, os argentinos começaram a chamar Che Guevara. Ele subiu ao palanque e ficou de cócoras, conversando com o público.



CADINHO ANDRADE/JU

“Quando fui reitor,
tudo o que fiz
veio do
aprendizado da
política estudantil”

Eu fiz a imagem na hora, mas descobri depois que havia perdido a foto.”

Batismo de fogo - No ano seguinte, na primeira eleição direta da União Estadual dos Estudantes, um acordo de lideranças resultou numa chapa de cúpula esdrúxula encabeçada por um presidente de esquerda e um vice de direita. “Eu e Ferraz não tínhamos apoio, mas resolvemos pegar um ônibus e fazer campanha pelo interior. Por isso, digo que a formação fora da universidade era mais importante.”

Vencidas as eleições, na noite em que receberam a nomeação formal, a UNE decretou a greve nacional do terço (movimento que defendia a igual participação de alunos, técnicos e professores em todas as instâncias das universidades). “Saímos da solenidade de posse e percorremos as faculdades noturnas. No outro dia, completamos nosso batismo de fogo, percorrendo as salas de aula das demais unidades.”

Política e universidade - Depois do golpe de 64, foi estudar Economia em Paris com uma bolsa de cooperação técnica do governo francês. “Mas lá acabei indo para a Ciência Política, que era a minha verdadeira vocação”, revela. Dois anos mais tarde, ganhou a primeira bolsa da Capes para a área das Ciências Sociais. Quando voltou ao Brasil, tornou-se professor da UFRGS e passou a trabalhar em pesquisas eleitorais.

Sua tese de doutorado sobre o In-

tegralismo colocou o fascismo “tupiniquim” no mapa dos estudos comparativos do fascismo internacional. Foi publicada em São Paulo em 1984 e despertou interesse porque muitos ex-integralistas estavam no governo militar.

Com Ferraz nomeado reitor, aceitou assumir a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. “Atuei no sentido de dismantelar um feudal controlado pela área científica ao qual só o pessoal das áreas duras tinha acesso. Fiz uma experiência de engenharia política, reunindo as melhores cabeças da UFRGS.”

Depois disso, em 1991, candidato a reitor, venceu no voto direto de docentes, alunos e técnicos. Sua gestão foi marcada por um projeto de valorização de todas as áreas do conhecimento, pela construção de um novo estatuto e regimento, que resultou de incontáveis reuniões do Consun/Cepe e discussões com a comunidade universitária. “A organização burocrática e complexa devia transformar-se numa instituição social para se inserir em uma sociedade redemocratizada. Isso significou praticamente a refundação da Universidade. Nunca me senti tão à vontade como reitor e acredito que a experiência de líder estudantil me ajudou bastante”, avalia.

Quando deixou a reitoria, Hélgio foi para a Universidade de Stanford, onde aprofundou seus estudos sobre educação superior: “Descobri que o tema não podia se limitar ao ‘eduquês’ e merecia ser tratado de forma mais rica em nosso país. A partir daí, me envolvi na resistência ao desmantelamento da ‘Universidade em Ruínas’ na ‘República dos Professores’ (Vozes, 1994) e presidi a comissão que implantou o atual Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)”. De lá para cá, colaborou em todos os momentos importantes do ensino superior, ampliou sua rede de relações acadêmicas e, hoje, está à frente de um projeto de universidade inovador.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



Para Saul Leiter

TEXTO E FOTOS FLÁVIO DUTRA



Comecei a fotografar porque gostava de desenhar com o olhar. Gostava de estabelecer uma relação entre elementos da cidade de maneira que parecessem outras coisas, não as que eu efetivamente (!) via. Por exemplo, caminhava olhando para cima, para ver como as linhas do topo dos prédios se juntavam e que formas apareciam. Até aí, fotografava sem câmera.

Na verdade, comecei a fotografar porque precisava me concentrar. Daí a perceber que não podia haver concentração maior do que quando estava olhando pelo visor da câmera foi um pulo. O mundo enquadrado era muito mais fácil do que o mundo amplo, binocular. Além de monocular, preferia as teleobjetivas. Aproximavam tudo e mantinham tudo a distância. Paradoxal. E mais paradoxal é que eu não gostava. Achava que fotografia exigia relacionamento, proximidade, troca. E nunca me satisfazia com o que fotografava. Achava “relacionamento, proximidade, troca” um grande mistério. Uma vez Beatriz me disse que minhas fotografias eram como um olhar “através”. Não gostei. Não queria olhar “através”. Queria olhar “de dentro”, próximo, e não “espiar”. Assim era fotografia para mim.

Comecei a pensar diferente em uma viagem, quando vi a exposição de um fotógrafo de quem nunca ouvira falar: Saul Leiter. Fotógrafo norte-americano dos anos 50, ele fotografava nas ruas e em cor, fato raro à época. Como eu, e bem antes, Leiter fotografava “através”. Foi quando me dei conta de que estava querendo ser outra pessoa, que não conseguia reconhecer em mim uma forma, um jeito; de que estava fazendo força para olhar para o lado, para o que eu não era, em vez de reconhecer como eu olhava. Simples e complexo: olhar como eu olho. E, mais difícil que isso, depois de descobrir, a não “regrar” a maneira de olhar – e para sempre ver tudo da mesma maneira.

Com respeito à técnica, gosto de enquadrar e dali, do enquadramento na hora da obtenção, ter a fotografia. Acho que é uma mania de quem começou analogicamente. E digo isso também com certo “orgulho”, antigo provavelmente. Um orgulho de dizer que as fotos desta página são assim, sem cortes, sem manipulações, só com os tratamentos que toda fotografia digital exige. Fotografia nunca foi a realidade. Mas agora isso precisa ser reafirmado para que tenha um mínimo de credibilidade. Tempos bicudos esses...

